



# SCIENTIFIC MAGAZINE

PUBLICAÇÃO CONTÍNUA.

[scientificmagazine@hotmail.com](mailto:scientificmagazine@hotmail.com)

Site <http://scientificmagazine.com.br/>

SCIENTIFIC MAGAZINE - Ano: XIII - nº114/A- 2019- ISSN: 2177-8574

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER- ISSN: 2177-8574

SCIENTIFIC MAGAZINE

SCIENTIFIC MAGAZINE-, Ano XIII, nº 114/Novembro A- 2019  
- São Paulo. SP.

Site <http://scientificmagazine.com.br/>

Publicação contínua

E-mail: scientificmagazine@hotmail.com

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER- ISSN: 2177-8574

Versão online

Resumo português

Resumo inglês

A fim de cumprir com a periodicidade contínua corresponde ao Ano XIII, nº 114/ Novembro- A- 2019.

As opiniões emitidas nos textos publicados são de responsabilidade de seus respectivos autores.

## CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Paulo César Ribamar Martins

Prof. Dr. Fabio Marques Barros

Prof. Dr. José Contenatto

### **Diretor Executivo**

Mauricio Furlanetto

## SECRETÁRIO DE ASSUNTOS EDUCACIONAIS

Ms. André Luís

## COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria das Graças Mendes da Silva

Prof<sup>a</sup>. Ms. Rosângela Maria Tôrres Emerique

Prof<sup>o</sup>. Esp. Rodrigo Fernandes Rodrigues

Prof<sup>a</sup>. Esp. Dariane Cristina Sartori Villas Boas

Prof<sup>o</sup>. Esp. Sergio Aparecido dos Santos

Pro<sup>a</sup>. Esp. Edilma Pedrina Damaceno

Prof<sup>a</sup>. Esp. Karina Francieli Lançanova Bianchini

Prof<sup>a</sup>. Esp. Lilia Adriana Ançanova



Origem: Projeto NBR 6022:2002 ABNT/CB-14 - Comitê Brasileiro de Finanças, Bancos, Seguros, Comércio, Administração e Documentação CE-14:001.01 - Comissão de Estudo de Documentação NBR 6022 - Information and documentation - Article in printed scientific periodical publication - Presentation Descriptors: Documentation. Periodic article. Printed scientific periodical publication. Esta Norma substitui a NBR 6022:1994 Válida a partir de 30.06.2003.

Sede: Rio de Janeiro Av. Treze de Maio, 13/28º andar CEP 20003-900 - Caixa Postal 1680 Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: PABX (21) 3974-2300 Fax: (21) 2240-8249/2220-6436 Endereço eletrônico: [www.abnt.org.br](http://www.abnt.org.br) ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas Copyright © 2003, ABNT-Associação Brasileira de Normas Técnicas Printed in Brazil/ Impresso no Brasil Todos os direitos reserva

Endereço para Encaminhamento:

Revista (on-line) Scientific Magazine

Email: [scientificmagazine@hotmail.com](mailto:scientificmagazine@hotmail.com)

Conselho Editorial - Scientific Magazine - São Paulo-SP- Brasil

<http://www.scientificmagazine.com.br/>

## SUMÁRIO

O ESTRESSE E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE TRABALHO DO ENFERMEIRO.....	4
GESTÃO ESCOLAR E QUALIDADE EDUCACIONAL.....	15
A FORMAÇÃO DE LEITORES.....	27
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	28
O USO DA EDUCAÇÃO LÚDICA NO ENSINO- APRENDIZAGEM DE QUÍMICA: estratégias de ensino envolvendo a tabela periódica.....	41
GESTÃO DE TALENTOS HUMANOS EM ORGANIZAÇÕES EDUCACIONAIS.....	56

## O ESTRESSE E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE TRABALHO DO ENFERMEIRO

Maria das Graças Mendes da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Estudo que objetivou conhecer o estresse e como afeta a saúde, seu impacto nos papéis de enfermagem mais expostos a ele e seu enfrentamento. O estudo bibliográfico, descritivo, com método qualitativo apontou como resultado que o estresse é uma das principais sensações que os seres humanos vivem em suas vidas diárias. Entende-se como um conjunto de reações fisiológicas que ocorrem no corpo, para prepará-lo e, assim, ser capaz de enfrentar o evento que o desencadeia. O estresse pode ocorrer de forma adaptativa, como uma resposta breve a um estímulo, ou patológica e cronicamente, sendo este último prejudicial à vida daqueles que sofrem, causando numerosos problemas de saúde. Dependendo da ocupação que o profissional de enfermagem exerce, é mais provável que sofram de ativação patológica e acabem com problemas de saúde. No campo da Enfermagem, algumas funções geram mais estresse nos profissionais que as exercem, devido à demanda que elas carregam. Entre esses papéis estão: Emergência, Terapia Intensiva, Sala de Cirurgia, Cuidados Paliativos e Estudos frequentes. Os principais efeitos nocivos dessa ativação patológica se manifestam em problemas cardiovasculares, imunes, comportamentais e relacionados a mudanças nos padrões de sono e podem gerar sérias consequências, tanto no relacionamento interpessoal como

na saúde das pessoas. Entre as principais estratégias adaptativas de enfrentamento estão a modificação dos processos cognitivos e a aquisição de habilidades.

**Palavras-chave:** Estresse. Papel. Enfermagem e Estratégias de Enfrentamento.

### ABSTRACT

This study aimed to know stress and how it affects health, its impact on nursing roles most exposed to it and its coping. The descriptive bibliographic study with qualitative method showed that stress is one of the main sensations that human beings live in their daily lives. It is understood as a set of physiological reactions that occur in the body, to prepare it and thus be able to face the event that triggers it. Stress can occur adaptively, such as a brief response to a stimulus, or pathologically and chronically, the latter being detrimental to the lives of those who suffer, causing numerous health problems. Depending on the occupation of the nursing professional, they are more likely to suffer from pathological activation and end up with health problems. In the field of nursing, some functions generate more stress on the professionals who perform them, due to the demand they carry. These roles include: Emergency, Intensive Care, Operating Room, Palliative Care, and Frequent Studies. The main harmful effects of this pathological activation are manifested in cardiovascular, immune, behavioral and related to changes in sleep patterns and can have serious consequences, both in interpersonal relationships and in people's health. Among

<sup>1</sup>Licenciatura em Geografia - FAMASUL-PE; Pós-graduação em Gerenciamento de Cidades- UPE; Administração Hospitalar - Faculdades Integradas São Camilo-BA; Pós-graduação em Gestão Pública - Fafica-PE; Administração Bacharelado - Universidade Anhanguera-

Uniderpe; Pós-graduação em Psicanálise aplicada à Gestão de Pessoas pela UNIDEREC - Mestrado em Ciências da Educação pela Universidad de Desarrollo Sustentable.

the main adaptive coping strategies are the modification of cognitive processes and the acquisition of skills.

**Keywords:** Stress. Paper. Nursing and Coping Strategies.

## 1. INTRODUÇÃO

O estresse relacionado ao ambiente de trabalho tem sido um assunto amplamente estudado nas últimas décadas, sob diferentes abordagens, no sentido de identificar sua participação na etiologia das alterações na saúde do trabalhador (COSTA, 2003).

Dentre os modelos utilizados para avaliá-lo, bem como suas repercussões na saúde das pessoas, destaca-se segundo Dalri,(2010), o Modelo Demanda-Controle, que pressupõe que o estresse ocupacional é resultado do desequilíbrio entre demandas psicológicas e controle sobre o trabalho, pode causar consequências prejudiciais à saúde de os trabalhadores. Ou seja, quanto maior a demanda e quanto menos controle sobre o trabalho, maior o risco de doença física ou psicológica.

O estresse sempre existiu nos seres humanos naturalmente, entendido como mecanismo de adaptação, que permitiu ao organismo se preparar para qualquer fator

que causar uma situação de ativação. Embora, às vezes, esse processo possa ocorrer a partir de uma situação disfuncional, causando no organismo uma série de problemas derivados. Os mais relevantes estão relacionados principalmente ao sistema cardiovascular, ao sistema saúde imunológica e mental, especificamente com distúrbios comportamentais e com o padrão do sono. Para Menzani (2009), o estresse no trabalho é reconhecido como uma das principais causas de estresse patológico, pois esse é um dos principais problemas de saúde do trabalhador.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), o estresse afeta a motivação, a segurança produtividade entre outros fatores, esses problemas podem ser gerados tanto dentro como fora do local de trabalho.

Na maioria das vezes, as razões pelas quais algumas pessoas, dependendo da ocupação que exercem, são mais afetadas que outras, geralmente estão associadas a turnos de trabalho, necessitando de grandes esforços físicos e psicológicos no trabalho, lidando com outras pessoas ou pressionado por situações externas para realizar o

trabalho. Isso afeta principalmente os profissionais de saúde, professores, enfermeiros, trabalhadores em geral e estudantes.

Embora nos últimos tempos o número de estudos e trabalhos teóricos tenha aumentado relacionadas ao estresse, devido à sua alta prevalência, representa um tópico de grande relevância, sobre o qual deve haver pesquisas e outras informações. Vivemos em uma sociedade de "bem-estar" baseado no perfeccionismo, algo que tem um preço alto em nossa saúde.

A razão para a escolha deste tema de trabalho é dada pela importância e aumento da incidência de estresse nos profissionais da área de enfermagem. Devido às altas porcentagens nessa população que sofre estresse com frequência, tanto na vida profissional quanto na vida pessoal, é importante aumentar o conhecimento sobre esse assunto, a fim de tomar consciência do que é, qual causa, o que as pessoas podem ser mais expostas a ela e como elas podem enfrentá-la. Assim o objetivo deste estudo consiste em conhecer o estresse, como afeta a saúde, seu impacto nos papéis de enfermagem mais expostos a ele e seu enfrentamento.

## 2. SITUAÇÕES QUE INFLUENCIAM A RESPOSTA AOS ESTRESSORES

Após várias investigações, compreende-se que nem todos os indivíduos respondem aos estressores da mesma maneira. Isso ocorre devido a várias situações que influenciam essa resposta, fazendo com que o estresse afete cada pessoa de maneira diferente (LORENZ, 2010).

Para Lipp (2005) o "Modelo Biopsicossocial de Estresse", as respostas do corpo a uma reação estressante serão influenciadas por fatores psicológicos e cognitivos, por fatores sociais e ambientais e por fatores biológicos. As pessoas podem perceber eventos estressantes de maneira diferente e, da mesma maneira, usar habilidades e recursos diferentes para enfrentá-los.

Conforme Murofuse (2005), os fatores psicológicos representam a avaliação subjetiva feita por cada pessoa do situações estressantes, que podem ser descritas pela "Teoria da Avaliação Cognitiva" de Lázaro e Folkman. Por meio dessa teoria, os autores estabelecem que, quando expostos a uma situação estressante, os indivíduos realizam várias avaliações da situação:

[...] Numa primeira avaliação, denominada Avaliação Primária, cada pessoa pergunta se uns certos estressores podem afetá-lo ou não. Na segunda avaliação, denominada Avaliação Secundária, a pessoa avalia como lidar com a situação, levando em consideração os recursos e habilidades disponíveis. Por fim, a pessoa continuará escolhendo a forma de resposta que considerar mais apropriada, capaz de tentar controlar o evento estressante, fugir dele ou até mesmo não responder de maneira alguma. Além disso, uma pessoa pode responder melhor ou pior antes de uma situação estressante, se já experimentou uma situação semelhante antes, dependendo se o resultado foi benéfico ou prejudicial (MUROFUSE, 2005, 258).

Para o autor, os fatores sociais representam a influência do ambiente na resposta, algo em que o apoio social do indivíduo é de grande importância. Se o ambiente em que uma pessoa é, assim como seu apoio social, é positivo, é mais provável que a resposta aos estressores seja adequada. Se, pelo contrário, o meio ambiente e o apoio social são negativos, é mais provável que a resposta não seja adequada. Então, pode-se concluir que um bom ambiente social contribui para uma situação estressante é menos prejudicial para quem a enfrenta.

De acordo com Pafaro (2009), os fatores biológicos estão relacionados às reações químicas produzidas no organismo, pois são expostas a uma situação estressante. A diferença no nível hormonal nas pessoas

irá gerar respostas diferentes. Existem indivíduos que secretam uma quantidade maior de cortisol antes de um evento estressante do que outros, portanto, por exemplo, haverá uma maior gliconeogênese em resposta.

O controle sobre o trabalho de acordo com Jodas (2009) abrange aspectos relacionados ao uso de habilidades intelectuais (o grau em que o trabalho envolve aprender coisas novas, repetitividade, criatividade, tarefas variadas e desenvolvimento habilidades especiais individuais) e autoridade de decisão (inclui a capacidade individual de tomar decisões sobre o trabalho, a influência do grupo trabalho e influência na política de gestão). Já a demanda psicológica refere-se a demandas psicológicas enfrentadas pelo trabalhador durante a execução de suas tarefas. Em relação ao apoio social, as questões são consulte relacionamentos com colegas e chefes.

As dimensões demanda e controle psicológico sobre o trabalho, segundo Panizzon & Fensterseifer (2008), eles dão origem aos quadrantes do Modelo Controle de demanda: alto desgaste no trabalho, ativo e passivo e baixo desgaste. Os quadrantes

sob desgaste e trabalho ativo são referidos, pelo autor, como aqueles com menor associação ao risco de doença, enquanto o quadrante alto desgaste, seguido pelo trabalho passivos, como os associados a esse risco.

Várias investigações foram realizadas segundo Rissardo & Gasparino (2013), procurando associações entre alto desgaste no trabalho, de acordo com Modelo de Controle de Demanda e alterações de saúde. A hipertensão arterial, problemas psíquicos menores e dores musculoesqueléticas, estão entre as principais queixas investigadas, tendo sido encontradas, em muitos deles, associação positiva com alto desgaste.

Embora os estudos sobre as queixas em saúde dos trabalhadores de enfermagem tenham se desenvolvido muito, nos últimos anos, sua relação com estressores, no ambiente de trabalho, ainda precisa de mais esclarecimento. Nesse sentido, conhecer o perfil dos trabalhadores de enfermagem de emergência contra sua percepção das demandas psicológicas e do controle sobre o trabalho, pode subsidiar o planejamento e a implementação de ações para uma melhor qualidade de vida e trabalho, tanto pelos

trabalhadores quanto pelos gestores das Instituições de Saúde.

## **2.1. O Estresse ocupacional nos profissionais de enfermagem**

Para melhor compreender o grau de estresse que acarreta os técnicos em enfermagem se faz necessário também rever um pouco da base educacional que traz no amparo do sistema educacional brasileira a inserção dessa profissão e como a mesma deve ser valorizado pelas instituições e/ou organizações que atuam no campo da saúde em qualquer das instancias nacionais: municipais, estaduais federais e dentro da peculiaridade de atuação de cada uma.

Na compreensão dessa pesquisa direcionada em seu contexto geral, destinada ao entendimento de como o grau de estresse está cada vez mais presente na vida de trabalhadores da área de saúde, especialmente, aqueles que exercem a função de enfermeiros e que na maioria das vezes não conseguem uma valorização correspondente ao seu trabalho e mesmo para os que apresentam uma formação de nível universitário, as restrições ainda são bastante insuficientes. Por essa razão, o quadro aparece ainda mais caótico quando se trata dos enfermeiros de nível médio e,

sobretudo, quando atuam em hospitais filantrópicos sem uma remuneração ideal e tendo que sobrecarregar o seu cotidiano com uma carga horária estafante dividida em plantões dobrados ou em outras unidades com as quais divide a sua carga horária diária, semanal ou mensal.

Na realidade, estudos comprovam, conforme Alcino (2000), que no Brasil, a grande maioria dos enfermeiros está concentrada nos hospitais, respondendo à tendência assistencialista do setor saúde. Também encontramos profissionais em programas de saúde coletiva, que deveriam atuar sob o enfoque de um atendimento preventivo, mas que diante das políticas de saúde acabam sendo assistencialistas.

Os enfermeiros podem ocupar ainda, cargos administrativos, geralmente em serviços de saúde, de ensino ou como gerentes dos serviços de enfermagem e da mesma forma, exercerem atividades de ensino, à nível técnico, universitário ou elementar.

Essa diversidade de ocupações sugere um quadro heterogêneo no que se refere aos problemas enfrentados pela categoria e certamente entre estas, algumas

podem ser consideradas como favoráveis ao estresse.

Algumas ocupações oferecem mais riscos ao estresse e, dentre estas, a enfermagem é citada, pelo fato de trabalhar com enfermidades críticas e com situações de morte. Se acatarmos estes elementos como estressores no trabalho do enfermeiro possivelmente os mais propensos seriam os profissionais assistencialistas. Mesmo assim, acreditamos que nas diferentes ocupações exercidas por este profissional, existem fontes estressoras diversas, mesmo para aqueles que não estão lotados em áreas de atendimento crítico.

As pesquisas de âmbito internacional se contradizem no que diz respeito à locais críticos de atendimento, como fontes de maiores níveis de estresse. Alguns autores como: Cury (2014) e Ladeira (1996), afirmam que enfermeiros de cuidados críticos, estão mais propensos ao estresse. Outros estudos ainda segundo os mesmos autores, não diferenciaram os níveis de estresses de enfermeiros de cuidado crítico quando comparados com uma população normativa.

Com base nesse entendimento sobre o estresse na enfermagem de cuidados

críticos, verifica-se que, embora a maioria afirme que o cuidado crítico é altamente estressor, os dados obtidos no dia a dia dentro das unidades de saúde não confirmam esta crença e isso comprova que independente da instituição e de sua organização material: pública, privada, mista ou filantrópica o grau de estresse estará presente devido a grande incidência de cargas horárias estafantes e falta de recursos, bem como da valorização e uma melhor qualidade de vida e momentos de lazer e cuidados consigo mesmo para os trabalhadores da categoria de nível médio.

São muito comuns as queixas das mais variadas categorias de profissionais e, sobretudo, daqueles que lidam diretamente com pessoas em atividades de acompanhamento, orientação, tratamento, ou outra forma de aproximação direta dentro da exigência de sua função específica. Assim sendo, o enfermeiro técnico está diariamente em contato com pessoas doentes ou em convalescença e muitas vezes, são obrigados a deixar de lado os seus problemas pessoais e familiares para dar total atenção aos desconhecidos com os quais passa a trabalhar boa parte de sua vida ativa.

No caso de hospitais filantrópicos essa situação parece ainda mais difícil pela falta de apoio profissional e financeiro, além de salários inadequados que faz do enfermeiro um mestre para toda obra. Ou seja, ele atende paciente, cuida da organização das salas e de outras dependências e ainda, quando houver necessidade fica na recepção de atendente.

Muito do que se diz sobre o stress no ambiente de trabalho está associado às novas tendências tecnológicas, responsáveis pelo estado de constante prontidão em que os empregados estão sujeitos em suas jornadas laborais. Segundo especialistas do Instituto de Psicologia e Controle do Stress, a realidade do mundo atual com o avanço vertiginoso das tecnologias relaciona-se, diretamente, ao crescimento das doenças ocupacionais causadas por esse fator.

As mudanças nas rotinas de trabalho associadas aos avanços tecnológicos são objeto de estudos realizados em todo o mundo por grupos de psicólogos que buscam conhecer as consequências causadas por esse estímulo tecnológico nas vidas das pessoas, submetidas a exigências de estarem sempre alertas e despendendo elevada energia em suas atividades.

Conforme destacam muitos especialistas das questões que afetam o equilíbrio psicológico e físico a maioria das pessoas vivem atualmente em ritmo de intensidade incompatível com o bem-estar necessário, o que acaba contribuindo para o aparecimento de doenças em consequência de stress.

É certo que pelo fato de os trabalhadores atuarem em estado de alerta, a adrenalina aumenta ajudando na produtividade e na criatividade, mas se essa condição for mantida por muito tempo, a pessoa pode se tornar vítima de tensão demasiada que é prejudicial à saúde. Acredita-se que, muitas vezes, isso ocorra devido ao estado de esgotamento do trabalhador que ultrapassou os limites individuais de sua capacidade de adaptação às tendências tecnológicas atuais. Assim, com a redução da energia mental, surge o stress e, em consequência, outras doenças ocupacionais, diminuindo a produtividade e causando indisposição para o trabalho.

Levando em consideração a sobrecarga dos técnicos em enfermagem se faz necessário acrescentar que em outra atividade cuja exigência tome a maior parte do tempo ativo das pessoas, as

consequências negativas, com certeza surgiram com o passar do tempo e a principal delas é sem dúvida o stress.

Em toda e qualquer função os empregadores devem ficar sempre atentos aos fatores que levam os trabalhadores ao stress nos ambientes laborais, evitando com isso, o aumento das doenças ocupacionais causadas por esse mal. É fundamental, para manter uma equipe produtiva e motivada, dedicar atenção às características específicas do stress no trabalho, que podem originar os seguintes sintomas frequentes, segundo enfatiza Dolan (2006, p. 48-49): taquicardia, tensão muscular, boca seca, dores no estômago, mãos frias e suadas, sensação de cansaço, dificuldades de memorização.

Para que as unidades de saúde contêm sempre com uma equipe produtiva no ambiente laboral é também muito importante manter os funcionários bem informados dos fatores causadores do stress e delegar tarefas legitimamente em conformidade com os limites de cada trabalhador.

Não se pode deixar de ressaltar que nas atividades que são gerenciadas por equipes ou gestores destinados as mais variadas funções ou cargos a incidência do

medo de fracassar, a insegurança e outras demonstrações de limites tornam o funcionário cada vez mais vulnerável e predisposto a uma carga estafante que conduzirá ao chamado estresse ocupacional.

Para Dolan (2006) o estresse ocupacional é o desequilíbrio entre as demandas existentes no trabalho e sua habilidade e/ou possibilidade para enfrentá-las. Os fatores desencadeadores do estresse ocupacional podem ser detectados. Esses problemas podem ser por medo de fracassar, cansaço físico e emocional, por apoio inadequado das pessoas que o cercam, sensação de ser mal interpretado ou não apreciado, orientação ou gerenciamento inadequado de seus superiores. E igualmente por ambientes de trabalho altamente competitivos, não reconhecimento do trabalho executado ou falta de compreensão clara de como conduzir-se no ambiente.

A jornada longa ou atividades estafantes, apreensão em relação a aumentos de salários ou promoções, receio de ser demitida, desinformação ou ansiedade quanto à avaliação do desempenho, insegurança e mudanças imprevistas, entre outros.

A resposta ao estresse é individual e se houver persistência do estímulo estressor, o organismo entra em uma fase de esgotamento. Importante entender que o estresse é um mecanismo normal, necessário e benéfico ao organismo para o ser humano ficar mais atento e sensível diante de situações de perigo ou de dificuldade. A resposta ao estresse é individual e se houver persistência do estímulo estressor, o organismo entra em uma fase de esgotamento.

Na visão Cury (2014, p. 34-35) existem sintomas fisiológicos, psicológicos e comportamentais indicativos de reação ao estresse. São estes: Fisiológicos: aumento da pressão arterial, colesterol alto, sintomas gastrintestinais como gastrite e úlceras, alteração na bioquímica sanguínea. Psicológicos: insatisfação com o trabalho, estados afetivos mais intensos, como raiva, frustração, hostilidade ou reações mais passivas como tédio, colapso por exaustão, fadiga e depressão, diminuição da confiança e autoestima e entorpecimento emocional. Comportamentais: - Baixo desempenho, acidentes e uso de drogas no trabalho; - Comportamento antissocial, furto, danos intencionais; - Absenteísmo, fuga do trabalho; - Degradação de outras áreas da

vida particular; - Comportamentos prejudiciais como vícios em álcool e drogas.

Portanto, o estresse ocupacional afeta o indivíduo, a prestação de serviço e a qualidade do mesmo, sendo necessário o trabalho preventivo. A prevenção do estresse ocupacional é de fundamental importância porque enfatiza a dimensão humana e sinaliza os cuidados quanto ao respeito à saúde do trabalhador.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendeu-se neste estudo que os profissionais de enfermagem estão expostos a várias fontes de estresse no desempenho de sua profissão, devido às demandas que isso implica. Embora existam várias fontes de estresse específicos para cada função, outras são mais recorrentes e podem afetar a maioria dos profissionais de enfermagem, independentemente do trabalho que realizam. Nesse sentido, destacam-se: falta de autonomia, falta de especificidade de funções, falta de reconhecimento do trabalho, relacionamento com colegas e relacionamento com a organização.

Conclui-se que o estresse relacionado à falta de autonomia e à falta de

especificidade de funções dependerá da organização do trabalho e, em alguns lugares, esse problema pode não existir. No entanto, nos locais onde esse fenômeno existe, conflitos internos podem ser desencadeados. Os profissionais podem até perceber que não são recompensados proporcionalmente ao que eles dão de si.

O relacionamento com colegas e com a organização pode ser positivo ou negativo. Embora um relacionamento positivo sirva como fator de proteção contra o estresse, um relacionamento negativo, muito exigente ou até depreciativo pode desencadear outros conflitos, o que leva a uma cooperação de pior qualidade. Portanto, a presença desses conflitos geraria um ambiente de trabalho negativo, aumentando a níveis de estresse nesses profissionais.

### REFERÊNCIAS

- ALCINO, A. B. Criando Estresse Com O Pensamento. In: LIPPP, M. N. (Org.). **O Estresse Está Dentro De Você**. São Paulo: Contexto, 2000, P. 33-34.
- BATISTA, K.M. & Bianchi, E.R. (2006). **Estresse Do Enfermeiro Em Unidade De Emergência**. Revista Latino- Americana De Enfermagem, 14(4), P.534-539, 2006.
- CALDERERO, A.R.L., Miasso, A.I. & Corradi-Webster, C.M. (2008). **Estresse E**

**Estratégias De Enfrentamento Em Uma Equipe De Enfermagem De Pronto Atendimento.** Revista Eletrônica De Enfermagem, 10(1), P.51-62, 2008.

COSTA, J.R.A., Lima, J.V. & Almeida, P.C. **Stress No Trabalho Do Enfermeiro.** Revista Da Escola De Enfermagem Da USP, 37(3), P.63-71, 2003.

CURY, Augusto. **Controle E O Estresse: Saiba Como Encontrar Equilíbrio.** São Paulo: Gold Editora, 2014. (Coleção Augusto Cury).

DALRI, R.C., Robazzi, M.L. & Silva, L.A. **Riscos Ocupacionais E Alterações De Saúde Entre Trabalhadores De Enfermagem Brasileiros De Unidades De Urgência E Emergência.** Ciencia Y Enfermería, 16(2), P.69-81, 2010.

DOLAN, Simon L. **Estresse, Auto-Estima, Saúde E Trabalho.** (Tradução Jussara Simões; Supervisão Técnica Edson Ferreira) - Rio De Janeiro: Qualitymark, 2006. 308 P.

FERREIRA, L.R.C. & De Martino, M.M.F. **Stress No Cotidiano Da Equipe De Enfermagem E Sua Correlação Com O Cronótipo.** Estudos De Psicologia (Campinas), 26(1), P.65-72, 2009.

JODAS, D.A & Haddad, M.C.L. **Síndrome De Burnout Em Trabalhadores De Enfermagem De Um Pronto Socorro De Hospital Universitário.** Acta Paulista De Enfermagem, 22(2), P.192-197, 2009.

LADEIRA, M. B. (1996). **O Que É Stress Ocupacional?** Vertentes, 7, 2005, P. 123-137.

LIPP, M.E.N. (2005). **Inventário De Sintomas De Stress Para Adultos** De Lipp (ISSL). 3a.Ed. São Paulo: Casa Do Psicólogo, 2005.

LORENZ, V.R., Benatti, M.C.C. & SABINO, M.O. **Burnout E Estresse Em Enfermeiros De Um Hospital Universitário De Alta Complexidade.** Revista Latino-Americana De Enfermagem, 18(6), P.1-8, 2010.

MENZANI, G. & Bianchi, E.R.F. (2009). **Stress Dos Enfermeiros De Pronto Socorro Dos Hospitais Brasileiros.** Revista Eletrônica De Enfermagem, 11(2), P.327-333, 2009.

MUROFUSE, N.T., Abranches, S.S. & Napoleão, A.A. **Reflexões Sobre Estresse E Burnout E A Relação Com A Enfermagem.** Revista Latino-Americana De Enfermagem, 13(2), P.255-261, 2005.]

PAFARO, R. C., & De Martino, M. M. F. **Estudo Do Estresse Do Enfermeiro Com Dupla Jornada De Trabalho Em Um Hospital De Oncologia Pediátrica De Campinas.** Revista Da Escola De Enfermagem Da USP, 38(2), P.152-160, 2009.

PANIZZON, C., Luz, A.M.H. & FENSTERSEIFER, L.M. **Estresse Da Equipe De Enfermagem De Emergência Clínica.** Revista Gaúcha De Enfermagem, 29(3), 391-399, 2008.

RISSARDO, M.P. & GASPARINO, R.C. (2013). **Exaustão Emocional Em Enfermeiros De Um Hospital Público.** Escola Anna Nery Revista De Enfermagem, 17(1), P.128-32, 2013.

## GESTÃO ESCOLAR E QUALIDADE EDUCACIONAL

Rosângela Maria Tôrres Emerique<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo esclarecer os fatores associados, atualmente, à gestão educacional no contexto escolar. Essa pesquisa é parte da dissertação de mestrado intitulada: ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO EMPRESARIAL NA GESTÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ALTAMIRA-PARÁ. Esta é uma pesquisa descritiva, bibliográfica com método qualitativo, que apontou como resultado do estudo as considerações sobre a gestão escolar usada como uma ferramenta governamental para a incorporação de políticas públicas que visam alcançar a articulação intersetorial e garantir a qualidade da educação. As normas propostas, longe de serem ativadoras das melhores práticas escolares, tornam-se um fardo para professores e gestores que experimentam a tensão entre o cumprimento do dever atribuído e a dificuldade em adotar políticas que ignoram os processos e realidades da escola. Nessa dinâmica, a qualidade educacional aparece no palco sem uma clara conceituação e causa atritos entre as realidades das escolas que gerenciam expectativas e necessidades contra os desejos do discurso oficial. Compreender a dinâmica que favorece a gestão escolar e a qualidade educacional na realidade das instituições cria a

possibilidade de identificar processos de melhoria institucional consistentes com as possibilidades reais com as quais esse estudo é explicado. Os resultados mostram que a qualidade educacional não pode ser homogeneizada ou padronizada; à luz das diferentes realidades escolares, é considerado mais um objetivo do que um indicador ou resultado específico. Para alcançar melhorias substanciais no estado da educação, a administração escolar, além de oferecer um curso, deve ser uma ferramenta para se posicionar contra o objetivo declarado, em torno do conhecimento das capacidades e possibilidades da instituição e condições que a circunscrevem.

**PALAVRAS CHAVE:** Gestão Escolar, Relevância Educacional, Pilares Da Educação.

### ABSTRACT

This article aims to clarify the factors currently associated with educational management in the school context. This research is part of the master's thesis entitled: ANALYSIS OF THE IMPLICATIONS OF BUSINESS ADMINISTRATION IN YOUTH AND ADULT EDUCATION MANAGEMENT IN ALTAMIRA-PARÁ. This is a descriptive, bibliographical research with qualitative method, which pointed as a result of the study the considerations about school management used as a governmental tool for the incorporation of public policies aimed at achieving intersectoral articulation

<sup>2</sup>. Licenciatura em Pedagogia / UFPA; Especialização em Recursos Humanos/UFPA/ Especialização em Gestão/UFPA; Mestre em Gestão de Empresas/ Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/ Lisboa-Portugal.

and ensuring the quality of education. The proposed norms, far from activating best school practices, become a burden for teachers and managers who experience the tension between fulfilling their assigned duty and the difficulty of adopting policies that ignore school processes and realities. In this dynamic, educational quality appears on the stage without clear conceptualization and causes friction between the realities of schools that manage expectations and needs against the wishes of official discourse. Understanding the dynamics that favor school management and educational quality in the reality of institutions creates the possibility of identifying institutional improvement processes consistent with the real possibilities with which this study is explained. The results show that educational quality cannot be homogenized or standardized; In light of the different school realities, it is considered more a goal than a specific indicator or result. In order to achieve substantial improvements in the state of education, school administration, in addition to offering a course, must be a tool to position itself against the stated objective, around the knowledge of the institution's capabilities and possibilities and the conditions that surround it.

**KEY WORDS:** School Management, Educational Relevance, Pillars Of Education.

## 1. INTRODUÇÃO

Administrar uma escola e gerar processos qualificados na comunidade educacional - diretores, professores, pais, alunos, serviços gerais e sociedade - exige habilidades mais especializadas nas disciplinas que dirigem essas instituições.

Tais demandas implicam experiências de processos cognitivos de maior dificuldade, com base na consideração de aspectos como inter-relações, liderança, conhecimento, procedimentos pedagógicos, tratamento de aspectos legais, econômicos, tecnológicos, entre outros, que moldam a situação humana nas relações dessas instituições. A complexidade desse "deve fazer" se traduz na administração binomial da escola que, para muitos especialistas, constitui um construto polissêmico (BITTAR, 2004).

No entanto, com o tempo e com as descobertas feitas por estudiosos da administração da escola, uma explicação consistente com esse termo pode ser encontrada. Para Gentili (2004), a administração é o todo, pois articula processos teóricos e práticos para favorecer a melhoria contínua da qualidade, equidade e relevância da educação, enquanto a administração faz parte do todo, que tem a ver com a gestão e uso de recursos.

Portanto, infere-se que, para uma boa gestão, é necessário ter um bom esquema administrativo, ou seja, a boa administração é um eixo fundamental para uma boa gestão. A administração se torna um suporte

constante de apoio que responde às necessidades da gestão educacional. Também foi feita uma tentativa de gerar uma explicação aceitável do que se entende por qualidade educacional, como parte inerente do processo de gestão educacional. Dessa forma o estudo tem como objetivo esclarecer os fatores associados, atualmente, à gestão educacional no contexto escolar.

## 2. ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO ESCOLAR

Um dos construtos que causou mais agitação no campo da educação é a gestão escolar. Enquanto alguns aceitam que não há uma definição precisa, Ferreira (2006) distingue a gerência como o conjunto de ações orientadas para a consecução de determinados objetivos que são desenvolvidos nas diversas áreas de atividade da organização e em cujo desenho e avaliação eles participam, em alguns medida, as pessoas encarregadas de realizá-las.

Essa abordagem refere-se à consideração do trabalho conjunto de atores diretos e indiretos liderados por uma pessoa (gestor ou diretor). Os atores diretos nas

instalações da escola são: diretores, professores, pais de famílias e alunos. Atores indiretos são as pessoas que contribuem para alcançar objetivos educacionais, no caso de enfermeiros, psicólogos, palestrantes, ou seja, todos eles concebidos como pessoas interdependentes na realização da mesma tarefa.

Para Lück (2006) são os diretores que, com consciência e conhecimento do impacto e escopo de suas decisões e ações, impactarão a comunidade educacional e devem se preparar para desempenhar seu papel administrativo. A administração é a tarefa de direcionar o esforço e o talento de outras pessoas para alcançar resultados.

Isso é alcançado na medida em que o diretor ou gerente contribui para a consecução dos objetivos de maneira eficiente e eficaz, por meio de inter-relações que propiciam o desejo de outros de contribuir. Ou seja, desenvolver trabalho em equipe, combinar esforços cooperativos, atender às expectativas, modelar soluções práticas para os problemas que surgem, em suma, responder às necessidades que cada momento e situação apresentam, a partir do uso de habilidades técnicas, humano, da

percepção do ambiente para colocar e resolver problemas.

Por outro lado, Araújo (2010) concebe a administração como a tarefa de planejar, organizar, dirigir, coordenar e controlar. Em um ambiente tão multidisciplinar como este, são necessários diretores capazes e treinados para implementar essas ações, ou seja, estabelecer metas, antecipar o futuro, antecipar situações e, portanto, ser proativo.

Portanto, organizar, dirigir e coordenar são tarefas que não apenas permanecem exclusivas para o diretor, mas também precisam ser compartilhadas com os outros participantes no processo. Em termos de controle, é necessário envolver os diferentes atores, alunos, professores, comunidade e pais.

Nesse cenário, segundo Freitas (2004), os diretores (administradores ou líderes) das instituições escolares podem ser identificados como responsáveis por organizar, planejar e integrar o design e a avaliação do fato educacional, sempre apoiados por sua equipe, uma vez que:

[...] administrar uma escola significa influenciar o comportamento dos membros da comunidade, a fim de executar certas tarefas que são o resultado dos objetivos estabelecidos em

comum e que são aceitos como adequados para a educação dos alunos (FREITAS, 2005, p. 115).

Segundo o autor, os gestores devem implementar constantes cursos de formação que são essenciais para alcançar a aprendizagem dos alunos, enquanto os gerentes se dedicam às tarefas de sua interferência, no caso dos professores, a participação da gerência é inerente ao desempenho de seu trabalho profissional.

Por um lado, Oliveira (2003) explica que são identificadas as atividades da profissão (planejamento pedagógico, didático, de conhecimento científico e trabalho diário) e, por outro, aquelas relacionadas ao trabalho colaborativo e às inter-relações de todos os funcionários com a intenção e a direção dos envolvidos. no processo educacional, levando em conta, é claro, a identidade da instituição.

Sander (2005) refere que o modelo de gestão é o conjunto de estratégias diferenciadas voltadas à solução de problemas, que devem ser claramente reconhecidos e caracterizados, que seriam os objetivos de curto e médio prazo. Novamente nesta abordagem para determinar o que a gestão escolar implica, existe o trabalho conjunto de diretores,

professores, pais, comunidade em geral e estudantes, levando em consideração a expansão de oportunidades e a melhoria da qualidade da aprendizagem (NAMO DE MELLO, 1999).

Portanto, deve-se considerar que a substância desse modelo é buscar, através dos diferentes atores, a qualidade educacional das organizações escolares, na tentativa de construir melhores formas de vida para os alunos e uma vida digna e satisfatória para eles. No entanto, que relação existe ou existe entre gestão escolar e qualidade educacional? O que se entende nesta área por qualidade educacional? Quem exige educação de qualidade? Essas e outras perguntas são emergências explicativas que devem ser realizadas como um quadro de referência para entender o impacto que essa gestão tem no campo organizacional da escola.

## **2.2. Administração ou gestão, qual termo utilizar?**

No âmbito educacional, alguns teóricos divergem quanto à palavra administração e gestão. Chiavenato (1987, p.10) apresenta o termo administração como uma palavra que vem do latim (direção para tendência) e minister (subordinação ou

obediência), e significa aquele que realiza uma função abaixo do comando de outrem, isto é, aquele que presta um serviço a outro.

Bartnik (2011) distingue os termos gestão e administração. Segundo este, o termo gestão se aplica de forma mais adequada à esfera empresarial, enquanto o termo administração tem uma conotação voltada à esfera pública. Alguns estudos mostram que há interpretações específicas em relações a tais termos, sem implicação de hierarquia ou valor

Na concepção de Miguel Henrique Russo (2004, p. 25), “o paradigma da administração empresarial em meados da década de 80, sofre mudanças com relação à gestão escolar”. A escola se apercebe que há necessidade de se ter uma teoria administrativa fundamentada no processo de produção pedagógico escolar.

Nesse sentido, alguns teóricos como Paro (2001) e Lück (2006) trazem em suas teorias, discussões a respeito do que vem a ser gestão escolar ou administração escolar. Vítor Paro, prefere o termo administração escolar e define a administração como a utilização racional de recursos para a realização de fins determinados. Assim pensada, ela se configura, inicialmente,

como uma atividade exclusivamente humana, já que somente o homem é capaz de estabelecer livremente objetivos a serem cumpridos (PARO, 2006, p. 18). Segundo este, o nome administração escolar envolve duas coisas: a administração e o escolar e que quando se leva em conta o primeiro, não se leva o segundo e vice-versa, ou seja, é preciso os dois caminharem juntos. Em sua concepção, o que precisa diferenciar a administração escolar da administração empresarial é o objetivo de cada um. O foco maior e necessário que se precisa saber é: Qual é o objetivo da educação? Pois não basta ser eficiente administrativamente sem saber qual objetivo alcançar.

O sistema educacional brasileiro aos poucos vai necessitando de um modelo diferenciado de gestão. Ocorrem várias discussões e nascem outras teorias a respeito de gestão escolar. A administração empresarial já não é mais o foco central como referência nesse tipo de administração, o Brasil vivencia um novo momento político e social onde educadores discutem e buscam uma educação democrática que venha atender as reais necessidades da escola.

Para Lück (2006), a gestão do ensino como um conceito novo, supera o enfoque limitado de administração, a partir do entendimento de que os problemas educacionais são complexos, em vista do que demandam visão global e abrangente, assim como ação articulada, dinâmica e participativa.

Como assevera Lück (2006) a gestão pode se descrever de várias formas, o importante é saber que o significado é um valor atribuído, onde muitas vezes chama-se de gestão o que muitos chamam de administração. A diferença está não na mudança de nome, mas na mudança de práticas. Ou seja, a gestão é um processo de mobilização do talento humano que acontece na escola e das condições de colocar esse talento humano para formação humana em funcionamento comum para a aprendizagem do aluno. Ideia difundida também por Paro que afirma que uma das funções da escola é produzir um ser humano histórico, formar personalidades. Essa deve ser uma reflexão em qualquer discussão em educação.

Com relação ao que se trata de administração empresarial e administração escolar, vimos que a escola deve diferenciar

sua forma de trabalho e buscar meios para alcançar seus fins. A escola tem seu diferencial com relação à administração empresarial porque a empresa objetiva o lucro que é adquirido da força de trabalho, já a educação, principalmente a pública, visa à transformação do homem histórico como um todo. A escola tem objetivos distintos aos da empresa. Com relação ao termo administração ou gestão vai ser designado neste trabalho o termo gestão, uma vez que o objetivo se dá a partir das atitudes e ações que a escola deve desenvolver e um deles é o desenvolvimento de cidadania plena, onde o educando sinta-se parte do processo como sujeito.

A gestão escolar precisa de autonomia para conquistar seu objetivo maior,

“Consiste na ampliação do espaço de decisão, voltada para o fortalecimento da escola e melhoria da qualidade do ensino que oferece, e da aprendizagem que promove pelo desenvolvimento de sujeitos ativos e participativos. Autonomia de gestão escolar é a característica de um processo de gestão que se expressa, quando se assume, com competência, a responsabilidade social de promover a formação de crianças, jovens e adultos, adequada às demandas de vida em uma sociedade em desenvolvimento, mediante aprendizagens significativas, a partir de decisões consistentes e coerentes, pelos agentes, levando em consideração, objetivamente, as condições e

necessidades expressas desses jovens e crianças, devidamente compreendidas, no contexto de sua sociedade.” (LÜCK, 2006, p. 91)

Paro (2001), assim como a autora, também vê a administração como mediação, como forma de correção de dois equívocos muito sérios quando se fala em administração: 1) quando se fala em administração tem-se a ideia de que há a necessidade de sempre ter alguém que administra e outro que é administrado; 2) Pensar que a administração se refere apenas às atividades-meio, como exemplo temos o pensamento que o Ministério da Educação, Secretaria de Educação, Diretoria de Ensino, Secretaria e direção escolar se diz que é administrativo, como se nada mais existisse como administração escolar. Para Paro, isso é uma grande contradição, esquece que o conceito de administração como mediação se refere a todos os momentos para se alcançar determinado fim. A administração envolve todos os recursos: material, financeiro e humano. De forma geral, a administração geralmente é vista como forma somente de controlar o trabalho do outro, o que na sua essência, a administração deve ser responsável por todo o processo. Quando se está no processo pedagógico, se está mediando a utilização dos recursos como conhecimento, comportamento,

cultura de modo geral, sala de aula, relação com os educandos, do próprio educando como objeto que vai ser transformado nesse processo. Todo o trabalho desde o órgão máximo, até o serviço da merendeira ao porteiro, tudo existe em função da educação, então, também é administração.

Portanto, o que diferencia a gestão da escola com relação à empresa é a responsabilidade da implementação e do desenvolvimento de uma educação democrática, da transformação do homem em um ser humano histórico, sujeito de sua ação. O que o administrador escolar necessita trazer das empresas é a eficiência da articulação dos seus meios aos fins, e é isso que a educação não consegue fazer. O objetivo último da educação é trabalhar o cidadão no seu todo, não é simplesmente no sentido de vê-lo como racional, mas é o único ser que dentro do real se pronuncia, ou seja, afirma sua vontade naquilo que se quer ou não. Ele cria alguma coisa para melhor mordomia, descobriu o fogo, construiu a casa para se abrigar, a rede para dormir e etc. Coisas que nenhum outro animal em sua consciência pode fazer. O Homem é o único animal que pode mudar sua realidade, diferente da aranha que só faz a teia porque já nasceu para isso, não tem o

sistema racional para a partir da teia criar algo diferente para mudar sua realidade. O que diferencia o homem nesse sentido é conceito de trabalho visto numa visão ontológica como aquele que se pronuncia diante da sua realidade, daquilo que é, e da sua vontade, é sua especificação do ser sujeito.

## 2.2. Gestão escolar e qualidade

Gentili (2004), explica que a maioria das escolas brasileiras sempre deixou de lado as funções de configuração do sistema para se concentrar nas rotinas de prestação de serviços. O resultado foi que, devido às profundas mudanças nas estruturas macrosociais, o sistema educacional entrou em um processo acelerado de desconfiguração, derivado da perda de eficácia. Os impactos de uma globalização que transformaria práticas cotidianas, formas organizacionais e depois questionaria todas as suposições sobre as quais a práxis de educadores e administradores levantadas ainda eram incipientes.

Para Freitas (2004) a gestão escolar nesses anos separou as atividades

administrativas das atividades técnicas, educacionais e pedagógicas, concentrando as primeiras nas mãos dos diretores (administração geral), o que confirma a existência de um grupo de ações homólogas, com alta abordagem racional e comum a um banco, uma loja de departamentos ou um hospital, onde são manobrados programas operacionais de recursos materiais, financeiros e humanos, bem como o controle do bom funcionamento dos serviços e processos.

Essa tendência colocada por Freitas (2004), geral e reducionista de ver o processo administrativo separado de seu conteúdo educacional o caracteriza como um modelo rígido de organização que limita a concepção da própria educação e sua dinâmica.

O modelo administrativo simplifica o ambiente, o óbvio e fecha as relações do sistema organizacional, do ponto de vista da administração, não conhece diferenças em cada um dos professores, nas populações estudantis, nas salas de aula dos alunos, nas necessidades específicas e nas reivindicações de parentes (ARAÚJO, 2010, p.56).

De acordo com o autor, a supervisão que o modelo administrativo exige muitas vezes é restrita para observar a adequação dos comportamentos diante de uma regulamentação geral e abstrata que os

especifique. A cultura burocrática administrativa fez das escolas os locais onde a educação é menos discutida. A premissa fundamental está sendo dinamizada no sentido de que as relações pedagógicas são encontradas na base da instituição de ensino.

Nessas últimas décadas, Bittar (2004) explica que as empresas e organizações civis exigem educação de qualidade do governo. Como pode ver, esse problema envolve a sociedade, a família e as diferentes organizações que solicitam uma abordagem mais próxima da realidade, por meio de processos que permitem a satisfação do serviço educacional para todos.

No entanto, há uma nova pergunta: o que se entende por qualidade? Conforme Sander (2005, p.31), argumentam que:

[...] gerenciar a qualidade em um estabelecimento escolar é entendido como a implementação de um sistema que permite estabelecer uma política de qualidade, com estratégias, objetivos e procedimentos para avaliação permanente (SANDER, 2005, p. 31).

Para o autor, a qualidade é entendida como a filosofia de gestão das organizações educacionais, é uma referência relevante por seu status de paradigma, que inclui valores, princípios e procedimentos. Além disso, é

considerado em ambientes especializados no estudo das organizações como a estratégia de progresso por excelência para instituições de ensino e seus diferentes participantes. Por outro lado, todos os atores entendem a qualidade educacional da mesma maneira? De acordo com Araújo (2010),

[...] qualidade significa propriedade ou conjunto de propriedades inerentes a algo que permite que ela seja vista como igual, melhor ou pior que o restante. O termo em si é polissêmico e, além disso, subjetivo, de fato, atualmente, é uma das noções mais importantes no mundo das organizações, daí sua importância na tentativa de delimitá-lo (ARAÚJO, 2010, p.59).

A qualidade refere-se ao grau de cumprimento dos objetivos educacionais, este modelo foi adotado no mundo industrial. Segundo Araújo (2010), a possibilidade de "mensurar" os resultados foi tomada como um aspecto positivo e como negativo, basicamente, a associação da instituição de ensino à empresa, o que não deveria acontecer, uma vez que a aprendizagem do "produto" é muito mais complexa do que qualquer produto comercial, porque há aspectos e dimensões difíceis de pesar, basicamente o relacionamento educacional é um relacionamento humano em que o comportamento e as circunstâncias não são

fáceis de estruturar e até imprevisíveis em muitos casos.

No entanto, Gentili (2004, p.2), fala que a qualidade mais do que explicável e definível para pais e alunos é a que responde às suas necessidades, demandas e expectativas, pois define educação de qualidade como aquela que "assegura a todos os jovens a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para combiná-los na vida adulta" (p. 2). É necessário promover o desempenho competente de estudantes e instrutores para responder aos requisitos do ambiente cultural, econômico, social e político.

Portanto, a escola de qualidade é a que promove o progresso de seus alunos em uma ampla gama de realizações intelectuais, sociais, morais e emocionais, levando em consideração seu status socioeconômico, seu ambiente familiar e seu aprendizado anterior. Um sistema escolar eficaz é aquele que maximiza a capacidade das escolas de alcançar esses resultados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, alcançar a qualidade educacional em instituições escolares de qualquer nível exige, mais do que uma boa vontade, a inter-relação da gestão educacional com a qualidade dos processos de ensino, a conexão com as teorias pedagógicas e o desenvolvimento humano, a conexão no âmbito do relacionamento acadêmico com a comunidade para transformar a sociedade e a conquista de recursos tecnológicos e financeiros que melhoram cada um dos processos. Onde os administradores têm uma tarefa relevante a desempenhar, para a qual devem se preparar como tais, pois são os gestores de uma educação de qualidade.

Desse modo, a conquista de um aprendizado de qualidade é um dos muitos desafios enfrentados pelas comunidades educacionais atualmente, o que exige enfatizar a formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos que aspiram a uma vida melhor. A educação de qualidade busca formar cidadãos capazes de compreender as complexas inter-relações entre ciência, tecnologia e esferas social, econômica, política e cultural, para que, no futuro, independentemente de sua esfera de

atividade, possuam ferramentas essenciais participar da tomada de decisão que contribui para a construção de uma sociedade mais justa, saudável e mais humana. A combinação da qualidade educacional e dos processos de gestão, que contribuem para a melhoria do ser humano e da sociedade, requer vincular fortemente os pilares da educação à vida de administradores, professores, pais e respectivos alunos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Márcia Suely de Oliveira. **Gestão democrática na EJA: indícios de sua possibilidade na obra pedagogia da autonomia e nos documentos resultantes da V e VI CONFINTEA s.** In: V ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM ALAGOAS – V EPEAL, 9, 2010.

BARTINIK, H. (2011). **Gestão Educacional**. Curitiba: IBPEX.

BECKER, F. (2007). **Ensino e Pesquisa: qual a relação?** In: BECKER, Fernando e MARQUES, Tânia Beatriz Iwasko (orgs). *Ser Professor é ser pesquisador*. Porto Alegre: Mediação, 11-20.

BITTAR, Marluce; OLIVEIRA, João. **Gestão e Políticas da Educação**. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

CHIAVENATO, I. (1997). **Teoria Geral da Administração**. 3ª edição. São Paulo: McGraw-Hill Cortez.

FERREIRA, Naura S Carapeto. **Gestão Democrática da Educação: atuais tendências, novos desafios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006

FREITAS, Kátia Siqueira de. **Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos: consolidação de documentos 1985/94**. São Paulo, ago.2004

GENTILI, Pablo; SILVA Tomaz. **Neoliberalismo Qualidade Total e Educação**. 10.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LÜCK, H. **Concepções e Processos Democráticos de Gestão Educacional**. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LÜCK, Heloisa. **A gestão participativa na escola**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Reformas Educacionais na América latina e os Trabalhadores Docentes**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PARO, V. **Escritos sobre Educação**. São Paulo: Xamã. 2001.

RUSSO, M. (2004). Escola e paradigmas de Gestão. EccoS – Ver. Cient. Uninove, São Paulo, Junho. v.6, n.1, 25 – 42

SANDER, Benno. **Gestão da Educação na América Latina, construção e reconstrução do conhecimento**. Campinas: Autores Associados, 2005.

## A FORMAÇÃO DE LEITORES

RODRIGO FERNANDES RODRIGUES<sup>3</sup>  
 DARIANE CRISTINA SARTORI VILLAS BOAS<sup>4</sup>  
 SERGIO APARECIDO DOS SANTOS<sup>5</sup>  
 EDILMA PEDRINA DAMACENO<sup>6</sup>

### RESUMO

A presente proposta de pesquisa, advém da necessidade da análise, referente às indagações da falta de incentivo à leitura nas escolas. Pois, ela está relacionada a construção do conhecimento, por meio do processo de aquisição de conceitos teóricos e empíricos, em volta do letramento, em torno não só da decodificação de palavras, mas da interpretação do todo. Assim, a leitura mediante a uma proposta curricular, proporciona novas descobertas frente a um mundo globalizado, desta forma, os currículos propostos devem adequar-se a uma perspectiva de construção de conhecimentos com bases sólidas de leituras e senso crítico, em torno de questões sociais, atemporais e de relevância cultural. Essa proposta vem de encontro com a função do professor na mediação de ações que propiciem metodologias de incentivo à leitura no contexto individual, social e globalizado. Sendo assim, o espaço escolar é um ambiente fundamental para elaborar estratégias que visem analisar metodologias que contemplem a construção do conhecimento através das leituras, teóricas,

de mundo e da sociedade contemporânea como um todo.

**Palavras-chave:** Formação de leitores, Mediação, Professor.

### ABSTRACT

This research proposal comes from the need for analysis, referring to the questions of the lack of incentive to read in schools. For it is related to the construction of knowledge, through the process of acquiring theoretical and empirical concepts, around the literacy, around not only the decoding of words, but the interpretation of the whole. Thus, reading through a curricular proposal, provides new discoveries in a globalized world, so the proposed curricula should be adapted to a perspective of knowledge construction with solid bases of reading and critical sense, around social issues. , timeless and culturally relevant. This proposal meets the teacher's role in mediating actions that provide reading incentive methodologies in the individual, social and globalized context. Thus, the school space is a fundamental environment to develop strategies that aim to analyze methodologies that contemplate the construction of knowledge through readings, theoretical, world and contemporary society as a whole.

**Keywords:** Formation of readers, Mediation, Teacher.

<sup>3</sup>. GRADUADO EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS PELO UNIVAG/MT; GRADUADO EM PEDAGOGIA PELA UNINTER; PÓS GRADUADO EM MÍDIAS DIGITAIS PARA A EDUCAÇÃO PELA UFMT E PÓS GRADUADO EM PSICOPEDAGOGIA, INSTITUCIONAL, CLÍNICA E EDUCAÇÃO ESPECIAL PELA FAVENI.

<sup>4</sup>. GRADUADA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS PELA FAP-FACULDADE DE APUCARANA/PR; GRADUADA EM PEDAGOGIA PELA UNINTER; PÓS GRADUADA EM LIBRAS E EDUCAÇÃO INCLUSIVA PELA IFMT-INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO; PÓS GRADUADA EM ENSINO DE BIOLOGIA E QUÍMICA PELA FAVENI.

<sup>5</sup>GRADUADO EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS PELO FAFIMAN; GRADUADO EM PEDAGOGIA PELA UNINTER; PÓS GRADUADO EM METODOLOGIA DE ENSINO EM LINGUAGEM PELA EADECON

<sup>6</sup>. GRADUADA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS PELA UNIVAG-CENTRO UNIVRSITÁRIO DE VARZIA GRANDE; GRADUADA EM PEDAGOGIA PELA UNINTER; PÓS GRADUADA NA EJA E EDUCAÇÃO ESPECIAL PELA FAVENI.

## 1. INTRODUÇÃO

São frequentes as queixas de alunos e professores e as (pseudo) explicações das instâncias implicadas no processo de ensino-aprendizagem, assim como a busca por alternativas que minimizem o problema da leitura e escrita com eficiência. (OLIVEIRA, 2017).

Segundo Petroni (2007, p.65):

[...] Emprega-se o verbo minimizar, porque considero ser possível alterar essa situação em médio prazo, enquanto somente em longo prazo será possível resolver o problema do domínio satisfatório das habilidades de leitura e escrita na escola.

Parte desse insucesso pode ser explicado pelo fato de que a escola ainda hoje não assumiu uma concepção de ensino e de linguagem que leve em consideração o enunciado (no sentido bakhtiniano do termo), ou seja, como “real unidade da comunicação discursiva, porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 274).

A fim de tentar reverter o quadro desfavorável ao ensino de língua portuguesa escrita, foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), configurados “como síntese dos avanços conquistados nas

últimas décadas, a partir das discussões a respeito das diferentes propostas para o ensino de Língua Portuguesa (LP)”.

Os resultados efetivos dessa tentativa, em certa medida, já podem ser percebidos em algumas ações governamentais, de instituições de ensino e ainda a partir de alguns trabalhos de pesquisa que têm sido divulgados sob a forma de livros ou artigos, nos quais se vislumbram alternativas para a superação das dificuldades relativas, especialmente, à leitura e à produção escrita.

Portanto, o presente trabalho estará ancorado na base teórica de Bakhtin (1952-53/1979), Petroni (2007), PCN's (1998) por acreditarmos que esse arcabouço teórico contribuirá com nossa reflexão e estudo acerca das questões que envolvem a produção de efeitos de sentido, enfim, uma compreensão mais ativa frente à leitura de diferentes gêneros que circulam na escola e fora dela.

A proposta de desenvolver este trabalho de levantamento bibliográfico surgiu a partir da nossa análise do espaço escolar em que realizamos o estágio e investigação acadêmica do curso de segunda licenciatura em Pedagogia - UNINTER.

Durante o estágio supervisionado, na condição de observação em sala de aula, percebemos que os alunos daquela comunidade escolar não estão inseridos em nenhum processo de leitura como meio de enriquecimento intelectual. Dessa forma, percebemos a necessidade de uma proposta que viesse ao encontro desta problemática; incentivando a leitura, estimulando o desejo, a criatividade e a curiosidade dos estudantes com a intenção de contribuir para formar uma nova geração de leitores, mais capazes e mais críticos. Contribuindo, assim, para a formação de um leitor autônomo e eficiente e, ainda, estabelecendo relações entre a criação literária e outras formas de leitura de diferentes gêneros, tais, como: a letra de canção, histórias em quadrinho, notícias de jornal, propagandas, contos; entre outros. A nosso ver, esse movimento discursivo, ampliaria o prazer de ler, ouvir e produzir, não só os gêneros que circulam, mas também poemas e outros textos literários.

Nesse sentido, aprimorar a capacidade de argumentação, sobre a leitura de um livro, de um jornal, de uma revista, ou manifestar sua opinião após assistir a um comercial de TV; compreender a simples intenção de um outdoor e ter condições de comentar sobre todas essas informações com

um olhar mais crítico, certamente contribuirá para o avanço de uma compreensão mais ativa dos textos explorados e, desse modo, possamos vislumbrar a produção de efeitos de sentido na construção de novos conhecimentos.

Sendo assim, este trabalho pretende lidar com uma nova proposta de leitura e interpretação de diferentes gêneros discursivos, de forma significativa para que alunos e professores se comprometam com a pesquisa como busca de construção de novos conhecimentos. E que ainda possamos contribuir, em certa medida, com o desenvolvimento dos alunos do ensino fundamental anos iniciais.

## **2. A CRIANÇA E O MUNDO EXTERNO**

Os pensadores construtivistas, ao tratar a criança como um ser que consegue reproduzir o conhecimento através do contato com o mundo exterior, chega a afirmar que, quando ela interage com o meio libera seu interior dando sua contribuição para o mundo em que vive.

Para Piaget, a criança ao se relacionar com o meio, libera sentimentos que impulsionam a aprendizagem, o que pode variar de acordo com sua a etapa que se

encontra a criança em fase de aprendizagem. (VALLE, 2013)

Para esse teórico, o maior período de absorção de informações é quando a criança começa a ver o mundo do prisma em que o centro deste é seu próprio umbigo, é a fase do egocentrismo. Nesta fase, a criança quer tudo para si, não tem noção de divisão nem de doação. A criança egocêntrica é possessiva e passa por um período de muita carência, necessita de atenção constantemente para satisfazer seu ego. (VALLE, 2013)

Nas propostas para Educação Infantil, se destacam as Behavioristas, com o estudo do comportamento humano através do processo de estímulo e resposta. Toda criança necessita de uma situação que o desperte para a realização de algumas tarefas durante o processo de aprendizagem. (NOGUEIRA, 2015).

Dessa forma, acreditamos que a formação do pensamento vai desta representatividade à realidade da criança, para que isso ocorra são necessários processos intermediários que auxiliam nestas representatividades, como a imitação por exemplo.

De acordo com Netto (1997, p.35), o valor pedagógico da imitação, como

processo social básico, é enfatizado a partir do século XIX. “Imitar um modelo constitui a essência da aprendizagem por observação e essa é uma forma de aquisição de novos comportamentos”. Posteriormente, no século XX, essa ideia se integra a algumas correntes psicológicas voltadas para o estudo da aprendizagem, dentre as quais ele destaca a teoria estímulo-resposta. Ao analisar as técnicas de condicionamento, repetições, etc. Netto (1997, p.76) argumenta também que, para essa teoria, os “novos comportamentos são adquiridos por meio da imitação e através do processo de modelagem”.

Para os inatistas-maturacionistas, a criança ao nascer apresenta tendências espontâneas ou aptidões inatas que os conduzem a imitar.

Wallon (1968), defende em vários momentos a importância da imitação para o desenvolvimento psicológico da criança mencionando os aspectos sociais e afetivos.

Machado (1992) defende que “parte-se do princípio que a possibilidade de apropriação de conhecimento se faz presente, nas interações sociais, desde que a criança vem ao mundo.”

Portanto, ao discurso que vincula o cuidar da criança com sua educação acrescenta-se, neste momento, a premência em definir a prioridade e o

enfoque que devem ser dados às dimensões desenvolvimento/aprendizagem/ensino, à forma como estas dimensões articulam-se com uma concepção de conhecimento e ação de conhecer, determinantes na formulação de uma abordagem educativa que se concretiza em projetos educacionais pedagógicos. Para tanto, a escolha dos referenciais teóricos e os estudos de seus pressupostos mostra-se crucial no momento atual (MACHADO, 1992, p. 38).

Dessa forma, entendemos que a capacidade de elaboração subjetiva de cada ser humano ou a responsabilidade da instituição de educação infantil frente a gama de conhecimento colocados à disposição da criança empobrece o universo infantil.

Partindo destes princípios, Vygotsky (1989) procura analisar a função mediadora como instrumento de realização do homem. Tudo fica mais fácil ao perceber que se pode intervir na natureza mudando-a e tirando proveito disso para transformar o meio facilitando o modo de vida.

Levando em consideração a esses fatores, as escolas de educação infantil devem repensar seus currículos com a finalidade de adequar os processos metodológicos, que dão suporte para que a criança aprenda em contato com o meio; transformando-o para se adaptar a ele. O processo de alfabetização consiste em

aproveitar cada instância que a criança atravessa no período de 03 a 06 anos, onde cada momento pode ser decisivo na formação da personalidade da criança. (MELLO, 2000).

A escola deve estar preparada para atender estas prioridades da criança em fase de aprendizagem, seja interventora ou mediadora de qualquer forma, o importante é dar subsídios que desenvolva na criança, o estímulo necessário para que ela leia. (MELLO, 2000).

## 2.1. Hábito da leitura

A falta de hábito de ler nos brasileiros torna um problema que distancia muito a relação do acesso ao conhecimento. Infelizmente a leitura na maioria das vezes ocorre por obrigatoriedade nas escolas, nos lares esse hábito deixa a desejar, pois não é uma rotina no ambiente familiar. (SOUZA, 2015).

Entender que a importância da leitura desde infância e ter esse incentivo é fundamental para se formar leitores, que ao adquirir esse hábito terão sentimentos significativos para vida toda. Lembrando que, se o hábito for prazeroso se tornará uma forma de levar as pessoas a cerca de novas descobertas. Por conta, deste fato, que é a

leitura, um mecanismo facilitador da construção do conhecimento visando destaque em todo o sistema que tange a educação. (SOUZA, 2015).

Souza (1992, p. 220) afirma que:

[...] leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significado através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

É primordial compreender que o hábito da leitura começa na infância, criando significados e diferenças no contexto de mundo globalizado. Em meio ao contexto cognitivo e as relações habituais ficam arraigadas na criança até a vida adulta, através da leitura a criança irá desenvolver a criatividade e a imaginação do mundo que a cerca. Durante o processo de aquisição do letramento através da leitura se coloca o funcionamento de inúmeros funções do sistema cognitivo cerebral. (SOUZA, 2015).

A relação entre unidades de pensamento em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem criam, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de aquisição de formas diferentes de contextualização da linguagem. A contínua repetição dessa conduta resulta em

uma prática cognitiva de excelência no contexto que tange a comunicação. (CARTETI, 2007).

Ao reconhecer essa relevância da leitura, esta facilita a construção do aprendizado em sala de aula, bem como na escola, a criança adquire possibilidades para articular o seu senso crítico frente as demandas de contexto interno, quanto externo, possibilitando argumentações e interpretações coerentes frente ao mundo que o cerca. Assim possibilita o fortalecimento de ideais sobre os próprios conceitos em relação a sua vivência de mundo e práticas em sua rotina particular e o senso crítico no contexto de uma sociedade globalizada. (CARTETI, 2007).

## 2.2. O Papel do Professor

A prática de professores no desenvolvimento de aulas expositivas conseguiu proporcionar ao aluno, noções de lateralidade, tempo e espaço. Assim como a descoberta da relação entre quente e frio, superfícies lisas e ásperas a criança vai crescendo em um universo de formas e se relacionando com o meio em que vive. Essas atividades são de fundamental importância para o desenvolvimento motor enquanto coordenação e aperfeiçoamento dos ritmos dos movimentos.

Desse modo, perceber a criança dentro de um universo de formas variáveis interagindo e se adaptando a ele, é se dar por conta de que a transformação pode sedar através dessa ação dialética e de forma recíproca entre o indivíduo e o mundo exterior a ele. Esse processo de interação deve acontecer de maneira natural, onde os acontecimentos cotidianos fazem parte da realidade social em que o indivíduo esteja inserido.

[...] Ser fiel às perspectivas sócio-histórica do desenvolvimento humano e ao método dialético significa romper com as formas tradicionais de análise dos fenômenos, pois o estudo de um aspecto isolado da vida psíquica não fazia sentido, da mesma forma que não fazia sentido as explicações metafísicas ou materialistas do funcionamento do psiquismo humano... Este método permitia, também, observar a interação permanente pensamento/atividade humana: suas contradições, sua independência e influência mútua". (VYGOSTKY, 1989, p.111).

Ao vivenciar o estágio percebemos o quanto importante é cada elemento, os currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica para atender as necessidades dentro de uma escola.

O tema sugerido surgiu diante da observação do estágio no ensino fundamental/anos iniciais e no estágio de gestão na coordenação pedagógica, onde

está também o acervo de livros da escola e que é pouco utilizado pelos alunos, observou-se que os mesmos não têm o interesse ou o hábito da leitura. Porém devido à grande importância do contato dos alunos com os livros, decidiu-se apresentar-se este tema.

Segundo Farfus (2011, p. 33):

[...] Para que o homem tenha o poder de transformação da sua realidade, é necessário que tenha acesso a novas possibilidades que alterem o seu status quo e proporcionem uma reinvenção do fio de sua teia. Para que ele possa interagir em sociedade compreendendo seu direito, deveres e a importância das associações humanas e das somas que estas oportunizam, a educação é condição fundamental.

Percebe-se que através da leitura o aluno passa a conhecer outras realidades, que auxiliam no seu desenvolvimento cognitivo, abrem um leque de informações que ampliam sua perspectiva de mundo, auxiliam em sua comunicação. De um modo geral o incentivo à leitura está vinculado a prática da mesma.

É de responsabilidade do professor incentivar o contato entre o aluno e o texto, bem como, o grande desafio de tornar esse encontro apaixonante o que para muitas pessoas é um caminho muito difícil e cheio de obstáculos - a leitura, principalmente por meio do exemplo, de se colocar como um

modelo, apresentando “à criança as técnicas, os “segredos” utilizados por ele quando lê e escreve, de modo que ela possa se apropriar progressivamente dos mesmos” (SOLÉ, 1998, p.63).

Se faz de suma importância explorar os conhecimentos já adquiridos pelas crianças sobre o texto; planejar suas práticas considerando essa experiência diversificada para que elas [crianças] sejam capazes de desenvolver, utilizando as estratégias necessárias para alcançar seus objetivos; fazer presentes durante todos os momentos de exploração e construção da criança, observando, intervindo, avaliando; tornar-se um dos referenciais de apoio quando surgir obstáculos; possibilitar à criança desenvolver sua autonomia como um ser leitor. (LOPES; GARMS, 2011).

O hábito da leitura quando desenvolvido na infância colabora com o aprendizado, desde a formação das palavras e a estruturação de sentenças, até a memorização de regras ortográficas. Por tudo isso, os livros infantis são ótimos instrumentos na educação de crianças e podem ser utilizados de diversas maneiras em sala de aula. O professor pode explorar a literatura infantil de diferentes formas: as histórias podem ser trocadas e contadas

entre as crianças, encenadas em peças teatrais, transformadas em desenhos e pinturas ou, até mesmo, em outros textos. (LOPES; GARMS, 2011).

O professor é o mediador responsável pela aquisição da prática da leitura, a qual elaborara estratégias significativas para que se desenvolva a formação do leitor, de forma consciente pela prática concreta e efetiva, assim construindo conhecimento, pois somente quem se relaciona com livros, de maneira intensa será um letrado e posteriormente formará novos leitores. (KRUG, 2015).

[...] O professor é o mediador entre o conhecimento sociocultural presente na sociedade e o aluno. Sendo o processo de ensino aprendizado constituído na interação, o professor está atento e aberto as dúvidas, empasses, curiosidades formulando sínteses, discutindo significados e ultrapassando limites. (NASPOLINI, 1996, p.189)

Nessa perspectiva, como mediador desse processo de mudança de hábitos, o professor deverá apontar aos seus alunos que, ao ler-se, realiza-se um estágio vasto de entendimento, tornando-nos sujeitos praticantes da categoria, leitores cultos e críticos em torno do mundo globalizado. (KRUG, 2015).

Um profissional desqualificado, que não conhece as tipologias textuais em circulação, carente de recursos para

conduzir seus educandos ao caminho da leitura, que não possui uma metodologia adequada, não irá conseguir resultados nesse processo. Ele como intermediário da praxe de leitura precisará desenvolver atividades práticas que se motivem nessa conexão, indicando diversos momentos de leitura amparados em táticas apropriadas de agenciar distintos planos de letramento. (ANDREGUETTI, 2016).

Compreende-se que a intervenção da leitura advém, na escola e pelo professor, partindo do pressuposto, da incumbência de formar-se professor leitor e posteriormente, profissional leitor. Para tanto, caberá a ele desenvolver-se enquanto pessoa e profissional, de direitos e deveres, usufruindo da prática da leitura, a fim de contribuir com o exercício de uma cidadania crítica e justa. Ao buscar novas práticas leitoras, o professor obterá oportunidades, sempre renovadas, melhorando, significativamente, estruturas textuais disponibilizadas em seu dia a dia, além de refinar seu conhecimento literário. A escolha de bons livros, em especial os literários, favorecerá sua capacidade de criar, sensivelmente, sua individualidade cultural, comportando-o com as demais práticas

fundamentais do ato de ler. (ANDREGUETTI, 2016).

Segundo Silva (2009), “é papel de o professor refletir coletivamente sobre sua bagagem cultural, cruzando novos horizontes, impenetrando e ativando o mecanismo de aprendizagem, a fim de integrar interdisciplinaridade e planejamento com harmonia e coerência”.

A função de apresentar o caminho das palavras, além de ser um papel tão importante se associa a credibilidade sobre a essência do domínio do conhecimento nessa área como profissional. Ultrapassando os conceitos e ensinar e formando um bom leitor. (ANDREGUETTI, 2016).

A prática em sala hoje, em um mundo globalizado norteado pelas mídias digitais, nos submete a novas práticas pedagógicas que tendam atender os interesse e anseios dos estudantes, diante a um mercado exigente de trabalho. Alinhados a aceleradas transformações, os alunos, detém, facilmente as novas tecnologias, que por vezes veem os professores como seres atrasados, quando fazem uma relação com tais recursos. Desta forma, além da provocação pela leitura, deve-se promover o resgate pelo hábito prazeroso da leitura, e o mais importante, também é essencial, a

compreensão da própria. Nesse procedimento, o educador identificará as dificuldades e os problemas em torno do ato de ler dos seus alunos, ampliando e estreitando o diálogo na ampliação do conhecimento. Tal ação promoverá a leitura, frente aos desafios advindos do processo de globalização, na qual o aluno, além de se inserir no letramento por meio da leitura, fará uma melhor relação aos desafios propostos pelo mundo moderno. (PINHEIRO; DENTE; BENVENUTTI, 2017)

### 2.3. O Leitor e a Leitura

Partindo do contexto, "saber ler" e "formar um leitor" exigem diferenças a serem ponderadas. Saber ler tem relação de decodificar a mensagem simbólica, anunciada através das sílabas que compõem os vocábulos, já o sujeito leitor é levado a instruir-se a compreender, interpretar e entrar na amplidão do pensamento de autores, partilhando pensamentos, conceitos e suposições, recebendo, ou contestando o que analisa. (AGUIAR, 1996).

Muitas vezes, a leitura está atrelada a um processo de decodificação, ela por sua vez envolve o conhecimento de mundo, proporcionando aquisição do significado como um todo. Ela leva ao leitor ao contato

com o seu sentido, e a assimilação de conceitos de aquisições de leituras anteriores, possibilitando assim, afirmar que todos, ao lerem o mesmo conteúdo, conseguirão compreensão e interpretação de formas distintas, ao interagir com o texto. O leitor se torna sujeito ativo do processo, construído elos de conhecimento que contribuirá com seu saber, ao longo dos desafios de um mundo globalizado. (ANDREGUETTI, 2016).

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto, precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como propagandas, receitas, notícias, informações, anotações) quer estéticas (como narrativas e poemas) (AGUIAR, 1996).

O hábito de ler constitui também uma prática social, pela qual o sujeito, ao praticar o ato de ler, mergulha no processo de produção de sentidos, e está se tornando algo inscrito na dimensão simbólica das atividades humanas. Sendo assim, falar em atividades humanas, aqui, é tratar de uma linguagem, do recurso pelo qual o homem

adentra o universo da cultura, configurando-se com um ser culto, racional e pensante.

Conforme Koch e Elias (2008), a leitura está além vai além de ocupar um espaço na vida de um leitor. A leitura possibilita a construção e comparação de elementos significativos na compreensão da linguagem em seus contextos. Desta forma o leito é posto em contato direto com as palavras decifrando assim os seus sentidos, percebendo o elevado grau de significado que elas preservam.

A leitura aceita o despertar anseios e sentimentos, inspirando-nos a uma atmosfera repleta de probabilidades ordenáveis, tantas quantas vezes forem possíveis, de tal modo, o leitor, consenti entendedor da sua competência em maior escala de aspirações, instituindo desta maneira, uma sensível relação de dados precisos, admitindo inferir, confrontar, examinar, descrever e ressaltar a essência do conteúdo. Pondera-se ainda, que o leitor, é o sujeito ativo da constante procura de informação, e carece de assegurar sua maneira social, cultural e humana no contexto da pluralidade intelectual. (AGUIAR, 1996).

### 3. METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa, os dados foram levantados a partir de livros, revistas, publicações, artigos científicos, referências sobre o tema já publicadas, realizando uma análise e discussão sobre o tema proposto. O levantamento bibliográfico trata-se de uma excelente técnica para embasar o pesquisador, e demonstrar através de pesquisas científicas a importância da leitura no ensino fundamental - anos iniciais.

No período em que realizamos o estágio supervisionado, procuramos desenvolver atividades que trouxessem a leitura para a sala e que, ao mesmo tempo, fossem mais prazerosas e dinâmicas que as do cotidiano vivenciado por eles. A ideia era propor sempre atividades educativas, mas também, que os alunos pudessem se imaginar vivendo algo parecido em seu dia a dia, ou seja, atividades que tivessem um cunho social e exigissem uma compreensão mínima do texto para seu total entendimento.

Dialogamos sobre a fala, a escrita e a leitura, explicamos como é importante se fazer uma leitura eficiente para depois saber contar a história ou fato ocorrido de forma com que o nosso interlocutor compreenda

com a maior clareza possível. Com objetivo de criar no aluno o hábito da leitura, através do exemplo.

#### 4. RESULTADOS

O presente trabalho traz a reflexão de que a leitura é fundamental para a aquisição de conhecimento do aluno, sendo de suma importância para a formação de um leitor crítico e consciente, da vanguarda da construção de uma proposta de conhecimento com base na realidade, vivência de mundo, no contexto de globalização e numa sociedade igualitária do mundo que o cerca.

Durante a pesquisa, observou-se que renomados autores afirmam que a leitura é de suma importância na construção do conhecimento nas séries iniciais do ensino fundamental. Segundo eles o professor é agente fundamental do processo, na relação entre o mundo real e fictício, que leva a diferenciar os contextos de sociedade subjetiva e objetiva. Assim, promovendo uma reflexão da cultura e do hábito da leitura, tanto nos alunos, quanto na sociedade, em que o cerca, numa proposta de leitores críticos e conscientes de um conceito de bem comum entre todos. Acredita-se que quando a criança lê, ela desenvolve competências e habilidades

gradativamente relacionadas ao desenvolvimento de vocabulário e de interpretação do mundo, individual, coletivo, social e intelectual em torno de uma sociedade mutante e globalizada.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas as reflexões apresentadas neste trabalho, cabe ressaltar não só a presença dessa leitura já nos anos iniciais, como principalmente, a importância que ela apresenta para essa faixa etária, por contribuir para a construção de sua biblioteca de vida, rica em experiências e aprendizados, tão útil no ensino fundamental como um todo. Afirmar que “as crianças já são leitoras e produtoras de texto”, como afirmou Goulart (2005), é dizer que as crianças são aptas a interpretar e produzir, por meio da fantasia, do jogo simbólico e das trocas de experiências realizadas entre elas na sala de aula. Ao mesmo tempo, ao se remeter à leitura como técnica de decodificação e compreensão do texto, pelo domínio ou apropriação do código linguístico, é possível ver aquelas mesmas crianças, dando seus primeiros passos como pré-leitores, em um processo longo que se inicia ao contato com as primeiras escritas.

É muito importante o incentivo à prática de leitura, além do despertar do prazer no ato de ler. A literatura pode ser uma grande aliada neste processo. As estratégias de leitura vêm mostrar os meios que possibilitam uma sistematização do aprendizado, pela própria criança, ou mesmo pelo auxílio do professor. Por meio das estratégias realizadas antes, durante e após a leitura, a criança busca aprender a utilizar os mecanismos que a possibilitarão alcançar a compreensão do texto.

O professor tem como função primordial além de incentivar a leitura, mas promovê-la, no contexto de uma busca de conhecimentos relevantes a compreensão de mundo social, complexo e globalizado. A função do educador, professor, formador e promotor de possibilidades de uma sociedade, justa e igualitária, advém de um contexto estrategicamente relacionado, com bases em experiências e vivências teóricas e práticas, afim de proporcionar um conceito de promoção de novos ideais e conceitos, que são cobrados perante a sociedade contemporânea.

Assim sendo, a avaliação é parte de um processo educativo, pois ela nos remete a uma desconstrução e reconstrução de conceitos, a uma reflexão do próprio

professor na atuação cotidiana docente, aos métodos utilizados, critérios e resultados obtidos, em busca da qualidade. Desta forma, a função do educador, que além de propiciar ferramentas e propostas de conhecimento, deve promover mecanismos de inserção de conceitos que agreguem valor e interesses de crianças, alunos e educandos, em busca da promoção de conhecimento para todos, independentemente de cor, credo ou religião.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vanda T. **O leitor competente à luz da teoria da literatura**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 124, n. 5/6, p.23-34, jan./mar. 1996.

ANDREGUETTI, Eliane. **A Relevância do Ensino das Tipologias Dissertativo-Argumentativas: em busca de práticas discursivas mais competentes**. 2016. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_port\\_unioeste\\_elianecristinapinto.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_unioeste_elianecristinapinto.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2018.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARLETI, Rosilene Callegari. **A leitura: um desafio atual na educação globalizada**. 2007. Disponível em: <<http://www.univen.edu.br/revista>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

FARFUS, Daniele. **Espaços educativos: um olhar pedagógico**. Curitiba: Ibpex, 2011.

GOULART, C. **Educação Infantil: “nós já somos leitores e produtores de textos”** *Presença Pedagógica*. v.11, n. 63, 2005.

KOCH, Ingridore V.; ELIAS, Maria V. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

KRUG, Flavia Susana. **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR**: Revista REI. vol. 10. 2015. Disponível em: <[https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/277\\_1.pdf](https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/277_1.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2018.

LOPES, Carolina da Silv; GARMS, Gilza Maria Zauhy. **A FORMAÇÃO DO LEITOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL (0 A 5 ANOS): ALGUMAS REFLEXÕES**. 2011. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5597\\_3840.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5597_3840.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2018.

MACHADO, M.L.A. Instrumentos metodológicos do professor e do coordenador pedagógico da criança de 0 a 6 anos. Apresentado na 15ª reunião anual da ANPED. Caxambu, 1992.

MELLO, GUIOMAR Namó de. **FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA: uma revisão radical**. vol. 14. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392000000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100012)>. Acesso em: 25 out. 2018.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Didática do Português -tijolo por tijolo: leitura e produção escrita**. São Paulo: Scipione, 1996.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. Teorias da aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico. Curitiba: InterSaberes, 2015.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. **Dificuldade no Desenvolvimento da Leitura e da Escrita nos Anos Iniciais do**

**Ensino Fundamental**: Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. vol. 15. 2017. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/desenvolvimento-da-leitura>>. Acesso em: 28 set. 2018.

PETRONI, M. R. **Gênero do discurso, leitura e escrita**. Cuiabá: UFMT, 2007.

PINHEIRO, Izoldi; DENTE, Rubia; BENVENUTTI, Dilva Bertoldi. **O UNIVERSO DAS MÍDIAS DIGITAIS NO ESPAÇO ESCOLAR**. 1. 2017. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/viewFile/12650/pdf>>. Acesso em: 26 set. 2018.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre, 6ª ed. ArtMed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1992.

SOUZA, Renata Junqueira de; SOUSA, Ana Claudia de; CASTRO, Priscila Cristina Vieira de; SOUZA, Grazielle Campos de. **Leitura do professor, leitura do aluno: processos de formação continuada**. 2015. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br>

\_\_\_\_ (1979) **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL, SEF/MEC. **Parâmetros curriculares nacionais 3º e 4º ciclos do ensino fundamental**. Língua Portuguesa. Brasília: SEF/MEC, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 3ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 1989.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Metodologia da alfabetização**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

## O USO DA EDUCAÇÃO LÚDICA NO ENSINO- APRENDIZAGEM DE QUÍMICA: estratégias de ensino envolvendo a tabela periódica

Karina Francieli Lançanova Bianchini,<sup>7</sup>  
Lilia Adriana Ançanova<sup>8</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo utilizar a forma lúdica na educação, desenvolvendo uma estratégia de ensino para disciplina de química com uso da tabela periódica para o desenvolvimento do ensino aprendizagem. Os jogos além de ser uma maneira divertida por meio de aprender são também uma forma de desenvolver o interesse dos alunos para o conteúdo trabalhado. Para o desenvolvimento desse trabalho foram escolhidos alunos do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio de escolas de rede pública no estado do Mato Grosso. O jogo escolhido foi o “bingo da tabela periódica” que proporciona ao aluno um melhor entendimento dos nomes e os símbolos dos elementos químicos presentes na mesma. Por meio desse jogo foi possível provocar discussões e esclarecer dúvidas referentes ao conteúdo (tabela periódica). Os alunos aprovaram o novo método de aprendizagem e os resultados foram satisfatórios. Portanto, por meio desse estudo, destaca-se a importância do uso da educação lúdica no ensino de química onde o jogo em específico intitulado “Bingo da tabela periódica” proporcionou aos alunos

uma maneira muito eficaz e descontraída de desenvolver seu próprio conhecimento.

Palavras-chaves: Alunos. Aprendizagem. Ensino de química. Jogos. Tabela periódica.

### ABSTRACT

This paper aims to use the playful form in education, developing a teaching strategy for chemistry discipline using the periodic table for the development of teaching learning. Games are not only a fun way to learn, but also a way to develop students' interest in the content they work on. For the development of this work were selected students from the 9th grade of elementary school and 1st grade of public schools in the state of Mato Grosso. The game chosen was the "periodic table bingo" which gives the student a better understanding of the names and symbols of the chemical elements present in it. Through this game it was possible to provoke discussions and clarify doubts regarding the content (periodic table). The students approved the new learning method and the results were satisfactory. Therefore, through this study, the importance of the use of ludic education in chemistry teaching is highlighted, where the specific game entitled “Periodic Table Bingo” provided students with a very effective and relaxed way of developing their own knowledge.

### 1. INTRODUÇÃO

Não quero mudar as diferenças entre os indivíduos. Sinceramente desejo que os indivíduos sejam diferentes. O que me incomoda é que sendo a diversidade da humanidade seu maior sinal de riqueza, e que nos

<sup>7</sup> Pós-Graduada no Ensino de Química e Biologia - Licenciatura em Química pelo Instituto Federal do Paraná.

<sup>8</sup> Pós-Graduada no Ensino de Química e Biologia - Licenciatura em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Católico do Sudoeste do Paraná.

enriquecemos precisamente a partir dessas diferenças, tenham sido consideradas essas mesmas diferenças como uma desvantagem para o indivíduo e como a fonte principal de desigualdade entre as pessoas.<sup>9</sup>

REUVEN FEUERSTEIN

Ao longo de muito tempo, o ensino da química era apresentado nas escolas como um ensino tradicional baseado em repetição de nomes, fórmulas e cálculos, não fazendo parte da realidade dos alunos e tornando a aprendizagem insignificante para os estudantes. Desta forma o desinteresse dos alunos passou a ser um desafio para o professor, pois o insucesso dos mesmos também era considerado consequência do seu trabalho. Então a ideia do ensino despertado pelo interesse do estudante passou a ser uma instigação para o professor no processo de aprendizagem, e o professor, o causador de situações, estimulando novas habilidades. (SANTANA; REZENDE, 2008).

Santana (2006) descreve o jogo didático ganhou espaço como instrumento motivador para a aprendizagem de conhecimentos químicos, à medida que propõe estímulo ao interesse do estudante. As atividades lúdicas, mais do que serem

aceitas como rotina da educação de alunos no Ensino Fundamental e Médio, cuja faixa etária varia entre 11 e 17 anos é uma prática privilegiada para a aplicação de uma educação que vise o desenvolvimento pessoal e a atuação cooperativa na sociedade, como também instrumento motivador, atraente e estimulador do processo de construção do conhecimento.

Estas atividades podem ser realizadas durante as aulas, se há regras, essa atividade lúdica pode ser considerada um jogo. O jogo no ensino de química é uma ferramenta pedagógica que auxilia na troca de ideias, torna o aluno mais crítico, desenvolve o seu interesse e seu raciocínio lógico. O professor de química tem como objetivo aproximar a prática da teoria, e um exemplo disso, pode ser por meio do uso e aplicação de jogos.

Desta forma, faz necessário diversificar as metodologias de ensino, introduzindo atividades lúdicas e prazerosas, que estejam relacionadas ao conteúdo programático exigido nas escolas, estimulando a motivação, concentração e interesse dos alunos, auxiliando na construção do conhecimento e melhorando

---

<sup>9</sup> Citado in PISACCO, 2006, p. 19.

a aprendizagem. A metodologia será aplicada utilizando a metodologia de jogos e brincadeira, portanto, a seguir serão abordados; o uso das atividades lúdicas no ensino de química; jogos didáticos no ensino, com o estudo de caso e a conclusão do artigo.

## 2. O LÚDICO NAS PERSPECTIVAS DE PIAGET E VYGOTSKY

O lúdico aparece em várias pesquisas e em diferentes trabalhos têm elucidado a questão do ensino na escola, e diversos autores tratam do tema. Dois autores que abordaram o tema são: Lev S. Vygotsky e Jean Piaget. Ambos partem de uma perspectiva interacionista, e apresentam grandes diferenças, mas também semelhanças e inter-relações no que tange ao lúdico. Primeiramente, e com Piaget, que coloca ênfase nos aspectos estruturais e nas leis de origem biológica do desenvolvimento, logo a seguir enfocou-se Vygotsky, que destaca as contribuições da cultura, da interação social e a dimensão histórica do desenvolvimento mental. Ambos partem da construção de conhecimento, e sustentam que a inteligência é construída a partir das relações do homem com o meio.

Enquanto Piaget afirma que se deve levar em conta o desenvolvimento como um limite para adequar o tipo de conteúdo de ensino, Vygotsky afirma que a aprendizagem vai à frente do desenvolvimento. Para ele, a escola deveria dirigir o ensino não para etapas intelectuais já alcançadas, mas sim, para etapas ainda não atingidas pelos alunos; funcionando como incentivadora de novas conquistas do desenvolvimento potencial do aluno.

### 2.1. Piaget

De acordo com Friedmann (1996), Piaget dá ênfase no interacionismo, mostrando o papel ativo do aluno. Focando como a criança descobre o mundo, como ela se apropria dos conhecimentos e como ela interage com eles. Esse teórico acredita que o jogo é essencial na vida da criança, constituindo-se em expressão e condição para o desenvolvimento infantil, já que a criança quando joga, assimila e pode transformar a realidade. Os conceitos de acomodação e assimilação aparecem em todas as fases do desenvolvimento:

[...] Acomodação: processo pelo qual a criança modifica seu estágio mental em resposta a demandas externas. Assimilação: processo pelo qual a criança incorpora elementos do mundo externo ao seu próprio esquema. Para Piaget o jogo se dá nas fases iniciais do

desenvolvimento, quando todos os comportamentos são suscetíveis de se converter em jogo, uma vez que se repetam por assimilação pura, isto é, por simples prazer funcional. (PIAGET Apud FRIEDMANN, 1996, p. 27).

Piaget (1975, p. 188) aponta seis critérios na compreensão do jogo no contexto do pensamento da criança:

[...] O jogo encontra sua finalidade em si mesmo; 2- o jogo é considerado uma atividade espontânea; 3- o jogo é uma atividade que dá prazer; 4- ele tem uma relativa falta de organização; 5- o jogo caracteriza-se por um comportamento livre de conflito, uma vez que ignora o conflito; 6- é uma atividade que envolve uma supra motivação ou motivação intensa.

O jogo infantil para Piaget (1975) é constituído de três tipos de estruturas caracterizadas na forma de: exercício, símbolo e regras. Os Jogos de Exercício surgem no nascimento e se estendem até o aparecimento da linguagem. É bom ressaltar que os exercícios lúdicos não aparecem apenas nos dois primeiros anos de vida, mas estão presentes em toda infância, porém, a partir do momento que a criança começa a falar ocorre a diminuição do jogo de exercício.

Com esta fase Piaget definiu duas categorias desses jogos: - jogos de exercícios sensoriais - motor: são jogos de exercícios simples, que reproduzem uma conduta

adaptada a um fim utilitário como: fazer rolar um carrinho, puxar um barbante, etc. - jogos de exercício do pensamento: representam uma atividade que consiste em fazer perguntas pelo simples prazer de perguntar: “por quê?”.

E os Jogos simbólicos surgem com o aparecimento da linguagem até os seis ou sete anos aproximadamente. A criança começa a usar símbolos mentais como imagens ou palavras que representam objetos que não estão presentes. Esses jogos podem conter o exercício sensorio-motor ou a imaginação simbólica. A regra é o elemento novo que resulta da organização coletiva das atividades lúdicas. O jogo de regras persiste por toda a vida do adulto, sendo elas transmitidas ou espontâneas.

No processo de aprendizagem, as interações sociais são indispensáveis, tanto para o desenvolvimento moral como para o desenvolvimento cognitivo. Através dos jogos as crianças podem se desenvolverem em aspectos sociais, morais, cognitivos, políticos e emocionais. Por esses motivos, a escola precisa abrir espaço ao lúdico e utilizá-lo como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.

## 2.2. Vygotsky

Para Vygotsky (1989) o sujeito não é passivo e nem ativo no processo educacional, ele é interativo. Segundo os estudos de Friedmann, Vygotsky dá ênfase para a dimensão interacionista, enfocando o papel do meio e se preocupando com as interações sociais. A criança usa as interações sociais como formas de acesso a informações. Dessa forma, pode-se dizer que a brincadeira e o jogo são importantes instrumentos de interação. Na visão sócio histórica de Vygotsky, a brincadeira é uma atividade específica da infância, em que a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos. Segundo aponta Vygosty (1989, p.109):

[...] é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos.

É importante destacar que Vygotsky usa o termo “brinquedo” se referindo ao ato de brincar, mais especialmente ao jogo de papéis ou à brincadeira de “faz-de-conta” que são característicos nas crianças, que já aprenderam a falar, e que estão aptos a se envolver numa situação imaginária. Rego

(1995, p.82) aponta a seguir como Vygotsky se refere ao brincar na criança:

[...] a criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo mais amplo dos adultos e não apenas ao universo dos objetos a que ela tem acesso”. No “brinquedo a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário: no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade.

São as regras da brincadeira que fazem com que a criança se comporte de forma mais avançada do que aquela habitual para sua idade, pois tem que esforçar-se para exibir um comportamento semelhante ao modelo imaginado por ela, ou seja, para Vygotsky (1989), a imitação não é mera cópia de um modelo, mas reconstrução individual daquilo que é observado nos outros, contribuindo assim, para o desenvolvimento da criança.

Ao desenvolver um jogo imaginário, a criança ensaia comportamentos e papéis, projeta-se em atividades dos adultos, ensaia atitudes, valores, hábitos e situações para os quais não está preparada na vida real. A atuação, nesse mundo imaginário, cria uma Zona de Desenvolvimento Proximal formada por conceitos ou processos em desenvolvimento, possibilitando a aprendizagem.

Friedmann (1982) explica o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal ou Potencial, como a distância entre aquilo que a criança faz com a ajuda de um adulto e aquilo que ela faz sozinha. Com esse método é possível avaliar os processos de maturação já concluídos, e os que estão se desenvolvendo.

Vygotsky (1989) acreditava que o jogo era fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois criava situações imaginárias e essas situações favorecem ao desenvolvimento do pensamento abstrato.

A Zona de Desenvolvimento Proximal é um domínio psicológico em constante transformação:

[...] aquilo que é Zona de Desenvolvimento Proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer 15 com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã. (VYGOTSKY apud REGO, 1.995, p.74).

Com base nos apontamentos referentes a cada um desses autores, pode-se perceber que ambos consideram o lúdico importante para o desenvolvimento da criança. Tanto Piaget quanto Vygotsky ressaltam em suas teorias o ato de brincar ou jogar. E mesmo entendendo que Piaget dá uma ênfase mais biológica a sua teoria e

Vygotsky se volta mais para o social, percebe-se que ambos dão significativa importância ao social. Assim, é através do meio, das relações que estabelece com outras crianças, do ato de se comunicar e de brincar que a criança desenvolve seus aspectos cognitivos, morais, emocionais, sociais e físicos.

### 2.3. Como Ensinar Química?

Como ensinar química? Na atualidade em que vivemos os alunos tem acesso a muitas informações pelos meios de comunicação, com os modernos sistemas de comunicação, questionando e até discordando de seus professores em relação ao que é importante saber, por que saber e até mesmo onde posso usar este conhecimento, gerando um desconforto ao professor e aos alunos. É uma disputa entre o “ser interessante” e o “ser importante”. Nesse sentido, uma das preocupações centrais deste projeto é trabalhar o “importante” de maneira “interessante”, sem perder o foco do conteúdo a ser transmitido.

Desse modo, o objetivo das Diretrizes Curriculares (2008) é subsidiar reflexões sobre o ensino de Química, bem como possibilitar e proporcionar novos

direcionamentos e abordagem da prática docente no processo ensino-aprendizagem, para formar um aluno que se aproprie dos conhecimentos químicos e seja capaz de refletir criticamente sobre o meio em que está inserido. De acordo com Bernardelli (2004), muitas pessoas resistem ao estudo da Química pela falta de contextualização de seus conteúdos em seu cotidiano.

Gerando nos estudantes dificuldades de relacioná-los em situações cotidianas, pois ainda se espera deles a excessiva memorização de fórmulas, nomes e tabelas sem muitas vezes saber onde é aplicado. Bernadelli confirma que o estudo da química tem que ser teórica e prática, ligados o cotidiano do aluno:

[...] Devemos criar condições favoráveis e agradáveis para o ensino e aprendizagem da disciplina, aproveitando, no primeiro momento, a vivência dos alunos, os fatos do dia-a-dia, a tradição cultural e a mídia, buscando com isso reconstruir os conhecimentos químicos para que os alunos possam refazer a leitura do seu mundo (BERNADELLI, 2004, p.02).

#### **2.4. A Contribuição das Atividades Lúdicas no Ensino de Química**

Segundo Antunes (2008), quando usar os jogos:

[...] os jogos devem ser utilizados somente quando a programação possibilitar e somente quando se

constituírem em um auxílio eficiente ao alcance de um objetivo dentro dessa programação (ANTUNES, 2008, p. 40).

A validade do método lúdico se torna quando usado na hora certa e essa hora é determinada pelo seu caráter desafiador, pelo interesse e comprometimento do aluno e pelo objetivo proposto. Segundo Kishimoto (1994), o jogo considerado um tipo de atividade lúdica, possui duas funções: a lúdica e a educativa. A lúdica está relacionada ao caráter de diversão e prazer que um jogo propicia. A educativa se refere à apreensão de conhecimentos, habilidades e saberes e sua apreensão de mundo. O desafio é equilibrar as duas funções descritas para que possa haver aprendizagem de forma lúdica.

O uso de jogos didáticos no Ensino de Química tem sido tema de trabalho de vários autores, destacando sempre a eficiência em despertar atenção dos alunos. Tal interesse advém da diversão que, muitas vezes, produz efeito positivo no aspecto disciplinar. (SOARES; CAVALHEIRO, 2006; OLIVEIRA; SOARES, 2005; SOARES; COLS, 2003; EICHLER; DEL PINO, 2000; GIORDAN, 1999; RUSSELL, 1999).

## 2.5. O uso das Atividades Lúdicas no Ensino De Química

### 2.5.1 Jogos Didáticos No Ensino

No mundo em que vivemos, o ser humano busca inovações para aprimorar o conhecimento sempre, e a cada dia que passa, vemos o quanto isso contribuiu para a evolução do homem no acompanhamento da tecnologia. No campo escolar, nos defrontamos com tantas ferramentas e subsídios inovador no meio da educação, tais como: a introdução da informática, o uso de multimídias, a interação via internet como a própria experiência executada em sala pelo próprio discente. E diante de tanta tecnologia acessível à maioria da população, muitas vezes um quadro branco e giz, ou próprio professor se desgastando no falar, não conseguem atrair a atenção de nossos alunos e o professor encontra dificuldades em sala de aula, principalmente no que diz respeito à motivação dos alunos para a aprendizagem. (CUNHA, 2012).

Dentre está problemática, é importante esclarecer que a função do jogo no ensino da química não é somente memorizar nomes, símbolos ou fórmulas, mas também familiarizar o estudante com a linguagem científica, química e adquirir

conhecimentos básicos para aprendizagens de outros conceitos.

O papel do professor é tornar o aluno disponível e receptivo à aprendizagem, valorizando a curiosidade, a pesquisa e desencadeando a busca de soluções para os problemas. De que maneira o professor pode atingir esses objetivos? Acredita-se que a mediação e os jogos são recursos fundamentais para mudanças efetivas na aprendizagem.

Os Jogos e brincadeiras podem potencializar como também tornar criativo os conceitos de química que podem ser trabalhados, mesmo quando já tenha sido aprendido em outras séries ou níveis. Desenvolver os jogos não como uma atividade banal ou complementar, mas valorizar o recurso como meio para aprendizagem.

### 2.6. Tabela Periódica: desafios e Estratégias de Ensino

A tabela periódica é uma ferramenta de uso cotidiano dos químicos, a qual apresenta um arranjo sistemático dos elementos químicos em função das suas propriedades. Segundo (OLIVEIRA, 2012), a criação da tabela periódica foi em meados do século XIX, período no qual os químicos,

começaram a procurar métodos de organizar as informações da área descobertas até aquele momento, estabelecendo leis que legitimassem a química como ciência moderna, onde resultou por longo tempo, no empenho e dedicação de muitos químicos.

O ensino de química gera muitas vezes uma sensação de desconforto aos alunos devido a algumas dificuldades que eles apresentam na área de ciências exatas. (FIALHO, 2009).

Na maioria das escolas ainda é persistente práticas pedagógicas tradicionais de ensino, onde o aluno é considerado um mero ouvinte de informações, exposta pelo professor, não possibilitando o aprendizado suficiente para a compreensão dos conceitos, apresentando então dificuldades em relacionar o conteúdo estudado ao cotidiano. (OLIVEIRA, 2012).

Nesse contexto, verifica-se a necessidade de propor estratégias de ensino consideradas eficientes para o ensino de química, de forma contextualizada e dialógica.

Ao ensinar química, no âmbito escolar, deve-se também ressaltar a importância das aulas experimentais, onde o professor não traga o conteúdo como um

roteiro de forma pautada, a ser seguido pelo aluno e por meio dele obter resultados, mas sim instigar o aprendiz a interagir, observar o experimento sugerido e por meio do envolvimento dele propor questionamentos e hipóteses obtendo então resultados que o professor espera e estabelecendo uma conexão entre a teoria e a prática, relacionando o que o aluno já sabe com aquilo que ele está aprendendo, tornando as aulas mais interessantes e a aprendizagem significativa. (OLIVEIRA, 2012).

Outro desafio de muitos professores de química está na memorização dos conceitos relacionados à tabela periódica, a localização, associação dos nomes e símbolos, propriedades particulares de cada elemento. Para isso uma estratégia possível e eficaz de aprendizagem e dinamização é recorrer ao lúdico. (OLIVEIRA, 2012).

O uso de lúdico tem sido considerado pelos educadores um instrumento motivador no ensino de química, onde a uma grande variedade de jogos voltados para o ensino. Um jogo muito visado no ensino da tabela periódica é o “Jogo do Bingo” que é bem conhecido popularmente e bastante interessante para ser empregado no meio educativo, onde o mesmo tem como objetivo melhorar a associação e

memorização dos elementos químicos, auxiliando também na compreensão de características particulares de cada elemento, mostrando que a tabela periódica não é apenas um conteúdo programático do currículo escolar, mas sim, uma ferramenta muito útil no dia a dia (OLIVEIRA, 2012).

## 2.7. Educação Lúdica - Bingo Atômico

O jogo do bingo teve origem na Itália, em meados do século VI e desde então se faz presente na vida das pessoas, seja ele em forma de disputa, diversão ou em forma educativa. O jogo bingo envolvendo a disciplina de química de forma lúdica leva os alunos a desenvolver uma relação entre os nomes e símbolos dos elementos químicos presentes na tabela periódica. (SANTANA, 2006). Segundo Santana (2006), o jogo contém 60 elementos químicos da tabela periódica, onde os mesmos serão sorteados no bingo. Cada peça do sorteio apresentara o nome e o símbolo dos elementos. Nas cartelas serão colocados apenas os símbolos dos elementos químicos em ordem aleatória, contendo 30 elementos cada cartela. Os materiais usados na confecção do bingo foram: papel cartão, emborrachado EVA, na forma de bolinhas, computador, impressora, tesoura para

cortar as cartelas e as peças, papel adesivo transparente para plastificar, caixa organizadora para armazenar as cartelas e peças.

Ao aplicar o jogo em sala de aula, os alunos acompanharam por meio de cartelas com os símbolos da tabela periódica, cada aluno tem uma cartela com elementos diferentes da tabela. (OLIVEIRA, 2012).

Utilizando uma caixa com todos os componentes da tabela periódica, o professor sorteia o elemento, por exemplo: hélio, cílio, Ferro e cada aluno tende a verificar na sua cartela se o elemento sorteado, metais ou não metais. O conceito é se um ou mais aluno concluir a cartela, pode gritar bingo e ganha o jogo, motivando os alunos a conclusão do jogo e a memorização dos elementos da tabela periódica e proporcionando o debate dos metais e não metais.

## 3. METODOLOGIA

Envolvendo a ludicidade, buscou-se uma forma de auxiliar na compreensão e na memorização dos elementos químicos presentes na tabela periódica. O trabalho foi realizado em escolas públicas, no estado do Mato Grosso, com os alunos do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino

médio, pelas professoras de ciências naturais e de química. As professoras trabalharam o conteúdo programático envolvendo o tema, a tabela periódica em algumas aulas, depois aplicaram o bingo como uma forma de fixação do conteúdo visto. Para a aplicação desse trabalho foram convidadas duas turmas, uma do 9º ano do ensino fundamental e uma turma de 1º ano do ensino médio, tendo no total 56 alunos, sendo 30 meninas e 26 meninos. Com uma cartela por aluno, formulou-se um questionário com algumas perguntas aos alunos sobre a disciplina de química para sinalizar qual irá registrar a reação dos alunos.

Nessas fichas existiam os nomes e símbolos dos elementos químicos para serem sorteados no bingo, metais e não metais, desta forma os alunos com cartelas de 60 elementos da tabela periódica, a cada sorteio de um dos elementos da tabela, o professor faz o sorteio de cada símbolo e a partir dos nomes dos elementos como: Hélio, Silício, Ferro, entre outros, e os alunos conferiam cada nome por meio dos símbolos dos elementos. As professoras então

distribuíram uma cartela para cada aluno e as bolinhas de emborrachado de EVA como apresentaram as Figuras 2 e 3, utilizado para marcar os elementos sorteados. A medida que foram chamados; Hélio, Silício, Ferro, e os demais elementos pelas professoras, os alunos foram marcando nas suas cartelas os elementos sorteados e as professoras foram escrevendo no quadro para ter um maior controle do jogo e da turma.



Figura 1 - Fichas para o sorteio do Bingo



Figura 2 - Cartelas para o Bingo

A reação de cada um deles ao que se refere ao lúdico aplicado em sala de aula sobre a disciplina. Após o jogo ser aplicado

em sala de aula, perguntas foram feitas para os alunos sobre o diferencial que ocorrerá com aplicação de jogos para aprender a tabela periódica. Cinco perguntas foram feitas. Ressaltando que somando o número de alunos das turmas temos o total de 56 alunos.

Na primeira questão: Vocês gostam da disciplina de química? O resultado obtido o total de alunos que responderam essa questão fora 55 alunos e somente 1 apresentou dificuldades.

Na segunda questão: Vocês gostaram desta atividade sendo aplicada em forma de jogos e brincadeiras? A reação foi positiva, pois 55 reagiram positivamente dizendo que gostaram do lúdico ao que se refere a disciplina, e somente 1 disse que possui dificuldades na disciplina.

Na terceira questão: Questionou-se se aplicação da disciplina em forma de jogos tornou-se mais efetiva e somente 54 disseram que sim, e 2 alunos disseram que não, pois apresentavam dificuldades em ligar o nome do elemento as siglas que o professor sorteava.

Na quarta questão: Questionou os alunos sobre, qual era a maior dificuldade sobre o bingo atômico aplicado em sala de aula, no resultado obtido 52 alunos disseram

que não sentiram dificuldades e sim que gostariam de mais atividades lúdicas sendo aplicados em sala de aula, já 4 alunos descreveram que sentiram dificuldades ao que se refere a memorizar os elementos da tabela periódica.

Já na quinta e última questão: Na opinião do grupo, os professores deveriam aplicar mais aulas lúdicas em uma certa frequência, em sala de aula? No resultado, pode ser visto que todos os 56 alunos participantes disseram que sim, que se sentiam mais interessados na disciplina de química, portanto a aplicação do jogo bingo atômico, demonstra que o professor ao trazer o lúdico para sala de aula desperta um interesse dos alunos.

No resultado obtido na aplicação deste questionário, com 5 questões, pode ser observado que 1 aluno (3,57%) possui dificuldade na disciplina, que 2 alunos (7,14%) sentiram dificuldade em relacionar o nome ao elemento, que 4 alunos (14,28%) sentiram dificuldade em memorizar os elementos e que todos os 56 alunos (100%), aprovaram o emprego desta atividade lúdica em sala de aula, como apresentou na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Resultado do Questionário

Questões	1	2	3	4	5
<b>Resultado em porcentagem das questões com relação as dificuldades</b>	3,57% possuem dificuldade na disciplina,	3,57% possuem dificuldade na disciplina mesmo em formato de jogo.	7,14% possuem dificuldade na ligação do nome as siglas.	14,28% possuem dificuldade na memorização dos elementos.	100% gostaram da atividade lúdica
<b>Resultado em porcentagem das questões com relação a positividade das execuções</b>	96,43% não possuem dificuldade na disciplina.	96,43% não possuem dificuldade na disciplina com formato de jogos.	92,86% não possuem dificuldade em relacionar o nome com as siglas.	85,72% possuem facilidade em memorização dos elementos.	100% gostaram da atividade lúdica

Assim, o jogo só acabou quando um aluno completou toda a cartela com os 14 elementos. Sendo que a mesma foi conferida na presença dos alunos. (OLIVEIRA, 2012).

O jogo teve como objetivo contribuir no processo de aquisição do conhecimento que se dá por meio da percepção, concentração, associação dos nomes e símbolos, memorização e a socialização dos alunos, esclarecendo também algumas dúvidas dos mesmos referentes ao conteúdo

trabalhado de forma mais lúdica e interativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, no Brasil, a educação tem passado por mudanças na metodologia de ensino. É importante que o professor busque sempre novas estratégias, diversificando suas aulas.

No ensino de química frequentemente o professor encontra muitos desafios devido ao desconforto que os alunos apresentam mediante em todas as reações químicas, nomes, fórmulas e cálculos, impossibilitando muitas vezes o aprendizado. Um instrumento considerado eficaz para auxiliar o professor nesses casos é o uso do lúdico, onde os jogos oferecem estímulos para tornar as aulas mais interessantes para os alunos, com uma aceitação de 100% entre os alunos, neste estudo de caso.

Vimos durante a aplicação do bingo de química feitos com materiais simples e acessíveis, a importância da utilização do lúdico no processo educacional, onde resultou no maior envolvimento dos alunos, auxiliando na memorização dos conceitos relacionados à tabela periódica e a associação dos nomes e símbolos dos elementos químicos. Tornando a aula mais

divertida, atraente e também estimulando as professoras a recriar novas práticas tornando suas aulas mais dinâmicas e significativas.

Justificando a aplicação de uma atividade por meio do lúdico faz com que os alunos aprendam com facilidade, além de despertar o senso crítico, o debate sobre a atividade proposta. Desde o século VI, na Itália, discutem a importância do ensino e aprendizagem por meio do lúdico. A problemática analisada neste contexto é que o professor tende a ter dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de química, pois se trata de processo de memorização da tabela periódica.

A metodologia jogos e brincadeiras, por meio do Bingo Atômico, trazendo a interação e socialização dos alunos, a participação em sala de aula, além de transformar o ambiente descontraído e prazeroso. Portanto cabe ao professor utilizar de ferramentas pedagógicas para aplicar as diversas disciplinas.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, M. B. do. **Jogos no ensino de química. Considerações teóricas para sua utilização em sala de aula:** Artigo científico. Vol.34, Nº 2, p.92-98, maio 2012. Disponível: <[http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc34\\_2/07-PE-53-11.pdf](http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc34_2/07-PE-53-11.pdf)>, acesso em: 01 de novembro de 2017.

FIALHO, N. N. **Os jogos pedagógicos como ferramenta de ensino.** Artigo científico. Curitiba 2009. Disponível em: <<http://quimimoreira.net/Jogos%20Pedagogicos.pdf>>, acessado em: 01 de novembro de 2017.

GUIMARAES, C.C. **Experimentação no ensino de química: caminhos e descaminhos rumo à aprendizagem significativa.** Artigo científico. Vol.31, Nº3, Agosto 2009. Disponível em: <[http://webeduc.mec.gov.br/portaldoprofessor/quimica/sbq/QNEsc31\\_3/08-RSA-4107.pdf](http://webeduc.mec.gov.br/portaldoprofessor/quimica/sbq/QNEsc31_3/08-RSA-4107.pdf)>, acessado em: 01 de novembro de 2017.

OLIVEIRA, D. R. M; de LOPES, K. F; GOMES, M. H; BEZERRA. R. de. C. F; MOREIRA. E. F; FERNANDES. P. R. **Bingo da tabela periódica uma atividade lúdica envolvendo símbolos e nomes dos elementos.** Artigo científico. JSBN. 2012. Disponível em: <<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/1728/2221>>, acessado em: 05 de novembro de 2017.

ROCHA, J. S.; VASCONCELOS, T. C. **Dificuldades de aprendizagem no ensino de química: algumas reflexões.** Artigo científico. XVIII Encontro Nacional de Ensino de Química ENEQ. Florianópolis 2016. Disponível em:

<http://www.eneq2016.ufsc.br/anais/resumos/R0145-2.pdf>, acessado em: 10 de dezembro de 2017.

SANTANA, E. M. de; REZENDE, D. de B. **O uso de jogos no ensino e aprendizagem de química: Uma visão dos alunos do 9º ano do ensino fundamental.** Artigo científico. XIV Encontro Nacional de Ensino de Química, ENEQ. Curitiba 2008. Disponível em:

<[http://www.cienciamao.usp.br/dados/eneq/\\_ousodejogosnoensinoeapre.trabalho.pdf](http://www.cienciamao.usp.br/dados/eneq/_ousodejogosnoensinoeapre.trabalho.pdf)>, acessado em: 10 de dezembro de 2017.

SANTANA, E.M.; WARTHA, E. J. **O Ensino de Química através de jogos e atividades lúdicas baseados na teoria motivacional de Maslow.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA, 13, Campinas (Unicamp), 2006. Anais, Campinas- São Paulo, 2006.

BERNARDELLI, M. S. **Encantar para ensinar - um procedimento alternativo para o ensino de química.** In: Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias. 1., 4., 9. Foz do Iguaçu. Anais. Centro Reichiniano, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1999.** \_\_\_\_\_ . Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989

PIAGET, J. **O raciocínio na criança.** Rio de Janeiro: Real, 1967.

PIAGET, J. 1975. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar. 370 p.

FRIEDMANN, A.1982. **Brincar: crescer e aprender: o resgate do jogo infantil.** 1ª Ed. São Paulo: Moderna. 128 p.

VYGOTSKY, L.S. 1991. **Pensamento e Linguagem.** 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes. 135 p.

REGO, T.C. 1996. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** 3ª Ed. Petrópolis: Vozes. 138 p.

PALANGANA, I. C. 2001. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: (a relevância do social).** 3ª Ed. São Paulo: Summus. 168 p.

PISACCO, Nelba Maria Teixeira. **A mediação em sala de aula sob perspectiva de Feurstein: uma pesquisa ação sobre a interação professor-aluno-objeto da aprendizagem.** Ponta Grossa, 2006.

SOARES, M.H.F.B.; CAVALHEIRO, E.T.G. **O lúdico como um jogo para discutir conceitos em termoquímica.** Química Nova na Escola, n. 23, p. 27-31, 2006.

SOARES, M.H.F.B.; OKUMURA, F. ; CAVALHEIRO, T.G. **Proposta de um jogo didático para ensino do conceito de equilíbrio químico.** Química Nova na Escola, n. 18,p. 13-17, 2003.

## GESTÃO DE TALENTOS HUMANOS EM ORGANIZAÇÕES EDUCACIONAIS

Rosângela Maria Tôrres Emerique<sup>10</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo conhecer a gestão do talento humano para o fortalecimento nas escolas. A pesquisa desenvolvida trata de um estudo bibliográfico, descritiva, enquadrada no paradigma qualitativo. O estudo apontou que no campo organizacional educacional, deve haver o desenvolvimento de um conjunto de mecanismos de informação, execução e controle, que a administração pode utilizar para aumentar a probabilidade de que o comportamento das pessoas que fazem parte da instituição seja consistente com seus objetivos. Compreendeu que essa coordenação e integração do talento humano pode ser explicada através do gerenciamento de competências, pois o talento humano é o componente fundamental de qualquer instituição, é apresentado como o núcleo do qual os outros componentes dependem, todos elementos em feedback constante.

**Palavras-chave:** Gestão. Talento Humano. Organizações Educacionais.

### ABSTRACT

This article aims to know the management of human talent for strengthening in schools. The research developed is a bibliographical,

descriptive study, framed in the qualitative paradigm. The study pointed out that in the organizational educational field, there should be the development of a set of information, execution and control mechanisms that management can use to increase the likelihood that the behavior of the people who are part of the institution will be consistent with its objectives. . He understood that this coordination and integration of human talent can be explained through competency management, because human talent is the fundamental component of any institution, it is presented as the core on which the other components depend, all elements in constant feedback.

**Keywords:** Management. Human talent. Educational Organizations.

### 1. INTRODUÇÃO

O papel das pessoas na sociedade do conhecimento é essencial porque é imerso, transmitido, criado e utilizado pelas pessoas (LIMA, 2004); nessa ordem de ideias, pode-se afirmar que as pessoas são valorizadas por seu conhecimento, suas contribuições intelectuais e talento para alcançar os objetivos das organizações. Portanto, não é considerado válido usar o termo recurso humano referir-se a seus membros, porque a pessoa está sendo catalogada como um

<sup>10</sup>. Licenciatura em Pedagogia / UFPA; Especialização em Recursos Humanos/UFPA/ Especialização em Gestão/UFPA; Mestre em Gestão de Empresas/ Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/ Lisboa-Portugal.

instrumento, sem levar em consideração que é o componente principal, com habilidades e características de uma organização inteira. Nomear pessoas em termos de recursos significa despojá-las de sua condição humana como um fim em si mesmas e transformá-las em meios a serviço dos objetivos da organização (FERREIRA, 2003).

Para envolver as pessoas na organização, não basta mobilizar seus recursos intelectuais, físicos ou de inter-relação, na esperança de aumentar a produtividade, o que é necessário é envolver as pessoas como sujeitos de sua personalidade em relação ao trabalho e organização.

Nesse sentido, a gestão do talento humano para o fortalecimento do trabalho corporativo visa configurar-se como o processo administrativo de inserção do componente humano, dependendo das competências individuais de cada pessoa, para a consecução dos objetivos organizacionais, respeitando as etapas do processo. planejamento, execução e controle, sob os princípios de identidade, cultura e filosofia coletiva. Neste ponto, as organizações educacionais não estão

separadas dessa categorização; pelo contrário, são determinadas por ela.

O objetivo geral deste estudo é conhecer a gestão do talento humano para o fortalecimento do trabalho nas escolas. A administração é concebida como algo que não é relegado a um compartimento hermético dentro da organização, sem contato com outras atividades, mas que vai além de todas as áreas de atuação da organização e está presente em todas. Na gestão, são diferenciados os campos de ação inter-relacionados, dentre os quais estão a gestão da produção, talento humano, financeiro, marketing, social e político, jurídico e tributário, ambiental, entre outros.

## 2. TEORIA DAS RELAÇÕES HUMANAS

A Teoria das relações humanas surgiu nos Estados Unidos. É definida como um conjunto de teorias administrativas que se fortaleceram com a queda da bolsa de Valores de Nova York em 1929. Esse momento de dificuldades financeiras, ocasionou uma mudança de paradigma administrativo voltado para o trabalhador da empresa que até aquele momento era tratado de forma mecânica e considerado

como homo economicus. Os teóricos do momento tiveram outro olhar para o trabalhador da organização, agora passaria a ser denominado como homo socialis.

Nesse contexto, pesquisadores e estudiosos viram como possibilidade de melhoria nas organizações a mudança de paradigmas que se diferenciavam daqueles que até o momento já não mais conseguiam atender as reais necessidades organizacionais, as empresas deram início a uma humanização dos conceitos administrativos com a participação dos trabalhadores na tomada de decisão da empresa.

Kurt Lewin (1890 - 1947) desenvolveu conceitos fundamentais para o desenvolvimento da teoria das relações humanas, mas foi com Mayo (1880 - 1949) com experiências junto a sua equipe na fábrica da Western Electric Company em Hawthorne - Chicago, que se tornou referência nos princípios básicos das Teorias das Relações Humanas.

## 2.1. Os Pressupostos da Abordagem de Relações Humanas

Mayo (2003) com sua pesquisa em Hawthorne, favoreceu à introdução dessa

nova abordagem das Teorias de Relações Humanas, na solução dos problemas administrativos organizacionais, cujo objetivo está no processo de motivar os trabalhadores para o alcance das metas da organização. Para o alcance dos objetivos dessa teoria, se faz necessário o conhecimento de alguns pressupostos sobre o comportamento humano que precisavam ser aceitos e seguidos pelos administradores:

[...] Integração e comportamentos sociais - embora dotado de excelentes condições físicas para o trabalho, o trabalhador socialmente desajustado terá baixa eficiência. Isso porque os aspectos sociológicos, psicológicos e emocionais são mais importantes do que os técnicos. O papel da integração grupal é primordial para o bem-estar psicoemocional dos trabalhadores. Eles não agem individualmente, mas como membros de grupos. Desviando-se das normas grupais, sofrem punições sociais ou morais dos colegas mais severas do que impostas pela organização, porque os marginalizam do relacionamento com o grupo. (...) A administração que busca a eficiência e o aumento da produtividade deve então atentar à conciliação dos objetivos empresariais com os interesses subjetivos dos trabalhadores, para obter os resultados desejados (FERREIRA, REIS & PEREIRA, 1997, p. 27)

As escolas de Relações Humanas tiveram seu declínio no final de 1950, foi alvo de muitas críticas que fizeram algumas de suas teorias serem alteradas. Ferreira et al. (1997, p. 31), apresenta algumas: Negação

do conflito entre empresa e trabalhador; Restrição de variáveis e amostra; Concepção utópica do trabalhador; Ênfase excessiva nos grupos informais; Espionagem disfarçada; Ausência de novos critérios de gestão.”

## **2.2. Compreensão da gestão do talento humano para o fortalecimento do trabalho nas escolas**

O planejamento é fundamental e refere-se ao componente do processo administrativo da empresa que visa selecionar as atividades a serem realizadas, e representa o estudo e o estabelecimento dos objetivos da organização. Seu objetivo é reduzir a incerteza nas atividades da organização, estabelecendo uma série de ações destinadas a alcançar os objetivos (DRUCKER, 2011).

Branham (2002) explica que a necessidade de escolher a equipe de gestão deve ser capaz de decidir escolher entre alternativas que se traduzirá em ações para atingir as metas. A tomada de decisão, como um processo, é cumprida quando há possíveis e racionais alternativas. O componente principal da tomada de decisão reside na determinação correta dos objetivos da organização. Assim, a gestão se insere no âmbito educativo porque é antes de tudo é

um organizador e coordenador dos recursos disponíveis, como um gerente, que de posse do seu trabalho deve projetar para o futuro.

[...] No campo organizacional educacional, permitirá o desenvolvimento de um conjunto de mecanismos de informação, execução e controle, que a administração pode utilizar para aumentar a probabilidade de que o comportamento das pessoas que fazem parte da instituição seja consistente com seus objetivos. Essa coordenação e integração do talento humano pode ser explicada através do gerenciamento de competências (GUEDES, 2002, p.34).

Segundo o autor, as abordagens de competência devem compartilhar no âmbito educacional de pontos em comum, como o fato de cada competência ter de refletir comportamentos observáveis, não julgamentos de valor e que podem ser desenvolvidos.

Para Davenport, (2001), o principal problema que uma organização escolar enfrenta é a produtividade e, nisso, a equipe é uma parte decisiva da solução. As técnicas de gerenciamentos se bem aplicadas têm um grande impacto na produtividade e no desempenho. Isso implica que, são recursos necessários para a organização, funcionários ou talentos humanos são de considerável importância.

Portanto, no campo da gestão organizacional educacional, a importância fundamental da pessoa como ser humano é tomada como ponto de partida, com seus ideais, sonhos e aspirações, atitudes e valores. Isso ocorre porque o ser humano tem um conjunto de necessidades, para isso é necessário progresso para melhorar seu padrão de vida, que se traduz em sonhos que devem ser quantificados em objetivos, que, à medida que são cumpridos, e progridem; o progresso é definido como o progresso em direção a uma meta (DESSLER,, 2001).

[...] As organizações estão imersas em uma rede de interações entre pessoas (proprietário, administrador, trabalhadores, clientes, fornecedores, comunidade), cada uma com seu próprio universo, sua própria visão de mundo e que têm necessidades e objetivos, não apenas materiais, mas também afetivo e espiritual. Essa multiplicidade de atores, com necessidades e objetivos, obriga o gerente a atuar nos processos de negociação e negociação de conflitos, não em um ambiente adversário, mas buscando o benefício de todos os participantes, e esse é um dos componentes mais essenciais do processo. administração (MAYO, 2003, p.83).

Na escola não é diferente, composta pelos professores, alunos, funcionários e o segmento de pais, que apresentam diferentes visões de mundo, mas que congrega os mesmos ideias. Em qualquer

organização, a mudança nas organizações é inevitável, não apenas porque a literatura organizacional se refere a ela, mas também porque o funcionamento do chamado "pacto social" implica o fato de que o trabalhador não recebe contrato por toda a vida; ao contrário, o que é oferecido é um contrato finito que durará enquanto for benéfico para ambas as partes (RABAGLIO, 2001).

Assim, a relação no âmbito educacional trabalha sob a premissa de que todos saem ganhando, um "pacto social" conforme discorre Rabaglio (2001) requer uma base diferente do trabalhador. Fala-se, portanto, de um trabalhador que antecipa as necessidades de sua área, consciente das demandas do ambiente que o afeta, que possui criatividade suficiente para conceber novas soluções.

Nessa ordem de ideias, Robbins (2009) quando se trata de operar a organização, é necessário que o trabalhador tenha um bom equipamento motivacional: forte necessidade de crescimento pessoal; necessidade robusta de autodeterminação; Grande abertura para mudar. Nesse sentido, observa que na área educacional, trata da demanda por desenvolvimento de capacidade e liberdade de decidir as

contribuições que fará para a organização por meio de diferentes tarefas e tirar proveito das experiências.

No campo do ensino, Hora (2003) fala que a gestão não é muito diferente da abordagem dada à gestão de negócios. A gestão educacional é um processo de coordenação de uma instituição por meio do exercício de habilidades gerenciais destinadas a planejar, organizar, coordenar e avaliar.

O gestor educacional segundo Ferreira (2003), usa o processo de planejamento, que se refere à definição de metas e estratégias de gerenciamento para alcançá-las; da organização, que envolve projetar estruturas e determinar tarefas e procedimentos; de gestão, que envolve motivar, direcionar atividades, estabelecer canais de comunicação; de controle, que é monitorar o desempenho. Para o autor, os elementos anteriores da estrutura organizacional implicam uma provisão

Ter, como sinônimo de organização, envolve uma série de etapas, que podem ser ordenadas da seguinte forma: 1) identificar e classificar as atividades que devem ser realizadas na organização; 2) agrupar essas atividades; 3) a cada grupo de atividades designar um diretor com autoridade para supervisionar e tomar decisões; 4) coordene a estrutura

resultante vertical e horizontalmente (Vivas, 2010).

Observa-se, então, que a estrutura organizacional é fundamental porque se refere ao conjunto não apenas de funções, mas também de relacionamentos que determinam formalmente essas funções. Nesse sentido, uma organização é um espaço importante para participação, pois aqui diversas pessoas estão relacionadas com um interesse comum em realizar uma ação específica. Assim é no espaço escolar, porque a visão define e descreve a situação futura que a organização deseja ter, seu objetivo é orientar, controlar e incentivar a organização como um todo a alcançar um estado desejável.

Portanto, a Organização Educacional como um todo, como uma área de ação, vinculando seu ambiente interno ao ambiente externo, reconhecido como uma “comunidade externa”. Nessa ordem de ideias, e sabendo que o talento humano é o componente fundamental de qualquer instituição, é importante observar que sua presença como componente central do núcleo de talento humano. Os aspectos de capacidade, ação e comprometimento se complementam e são decisivos, pois é possível que uma pessoa tenha o

conhecimento necessário para realizar o trabalho. Portanto, um profissional deve ser considerado nesse aspecto de sucesso no desempenho de suas atividades se ele combina: habilidades, comprometimento e ação.

Conseqüentemente, no modelo proposto, observa-se que na organização educacional, o talento humano, resultante da soma dos elementos descritos, está relacionado aos componentes institucionais e seus processos da seguinte maneira: a) as capacidades dos professores estão em ligação direta com treinamento e estrutura organizacional; b) o compromisso está vinculado à identidade corporativa, cultura e filosofia e liderança; e, finalmente, c) a ação está diretamente ligada à remuneração e ao desempenho corporativo.

No entanto, Chiavenato (2004) coloca que o outro elemento está diretamente ligado ao talento humano em termos de capacidades e é a estrutura organizacional, em torno da qual o planejamento, a informação / comunicação e o controle estão em constante relacionamento. A estrutura organizacional visa estabelecer um sistema de papéis a serem desenvolvidos pelos membros da organização educacional, para

trabalhar em conjunto de maneira otimizada e atingir os objetivos estabelecidos no planejamento. Nesta ordem de ideias, os objetivos devem ser verificáveis, precisos e realizáveis; deve haver uma definição clara dos deveres, direitos e atividades de cada pessoa; A área de autoridade de cada um deve ser estabelecida, o que todos devem fazer para alcançar os objetivos, além de saber como e onde obter as informações necessárias para cada atividade.

Nesse sentido, o diretor educacional deve acompanhar (em termos de organização) o talento humano responsável, as seguintes etapas: 1) identificar e classificar as atividades a serem realizadas; 2) agrupe essas atividades; 3) atribuir a cada grupo de atividades um coordenador com autoridade para supervisionar e tomar decisões; e 4) coordenar a estrutura resultante vertical e horizontalmente.

Nesse sentido, Drucker (2011), fala que a identidade, a cultura e a filosofia corporativa influenciam a liderança, o outro fator de comprometimento no talento humano principal do modelo proposto, que deve ser visto em torno de várias habilidades que convergem para ele, o que é importante dar significado e autonomia à

figura do gerente, em primeira instância, e aos coordenadores e / ou professores, na segunda. Esses recursos estão localizados em torno da capacidade de tomar a iniciativa, gerenciar, convocar, promover, incentivar, motivar e avaliar um grupo ou equipe. Nesse sentido, liderança é o exercício da atividade executiva de um projeto, efetivamente, seja pessoal, gerencial ou institucional.

Chiavenato (2004) coloca que, se o talento humano da organização educacional entende que a liderança gerencial se refere ao processo de direcionar as atividades de trabalho dos membros de um grupo e influenciá-los, é preciso também internalizar que, conseqüentemente, implicações importantes aparecem: a) implica que existe uma pessoa (líder) que pode influenciar e motivar outros (seguidores); b) ele deve exercer e respeitar a capacidade de persuasão e influência; c) e deve enfatizar em sua comunicação e liderança suas habilidades gerenciais.

Portanto, o modelo de gestão de talentos humanos para fortalecer o trabalho corporativo proposto refere-se à existência de uma relação recíproca e cíclica imersa em um sistema de feedback de diferentes

elementos organizacionais no ambiente educacional. O núcleo fundamental é o talento humano, resultante da soma de três componentes específicos: capacidade, comprometimento e ação. É provável que cada um desses componentes seja resumido com um verbo conjugado na primeira pessoa, sendo, respectivamente: "eu posso", "eu quero", "conquista". Essas atitudes do ser humano, dentro da organização educacional, tendem a alcançar objetivos individuais que, juntos, constituirão os objetivos organizacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos construtos teóricos, demonstrou-se como foi estudado o processo administrativo de inserção do componente humano nas organizações educacionais, de acordo com as competências individuais de cada pessoa e para a consecução dos objetivos organizacionais, respeitando as etapas de planejamento, execução e o controle sob os princípios de identidade, cultura e filosofia não é adequado; portanto, é viável projetar um modelo de gestão de talentos humanos para fortalecer o trabalho corporativo.

Nesse sentido, ao propor o modelo de gestão, tende a se transformar em uma inter-

relação humana, onde a indução é um processo constante de adaptação e o conhecimento geral e a avaliação de desempenho tornam-se uma oportunidade de crescimento, levando em consideração, com base nos princípios e objetivos organizacionais, que os planos sejam executados com base nos gostos e aptidões de cada um, além de o reconhecimento ser determinado por habilidades, conhecimentos e produtividade. Ou seja, o treinamento será mais parecido com educação; os padrões serão gradualmente substituídos pelos critérios e os manuais se tornarão guias de trabalho. Dessa forma, seres humanos e não recursos serão gerenciados.

Portanto, ao diagnosticar a situação atual das escolas em relação à gestão do talento humano, determina-se que deve haver uma definição clara dos deveres, direitos e atividades de cada pessoa. Da mesma forma, ao determinar a estrutura organizacional nas escolas, é evidente que a incorporação do treinamento às instituições de ensino deve ser gerada para que eles tenham um talento humano orientado para a ação e o cumprimento dos objetivos.

Por fim, com o desenvolvimento de um modelo de gestão de talentos humanos, para o fortalecimento do trabalho corporativo, a gestão de talentos humanos é criada e estruturada, considerando o fato de identificar e classificar as atividades que devem ser realizadas na organização educacional.

## REFERÊNCIAS

BRANHAM, L. **Motivando as pessoas que fazem a diferença**: 24 maneiras de manter o talento de sua empresa. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CHIAVENATO, I. **Remuneração, benefícios e relações de trabalho: Como reter talentos na organização**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 2. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus, Elsevier Publishing Company, 2004.

DAVENPORT, Thomas O. **Capital humano: o que é e por que as pessoas investem nele**. São Paulo: Nobel, 2001.

DESSLER, Gary. **Administração de recursos humanos**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.

DRUCKER, P. **O gestor Eficaz**. Rio de Janeiro: LCT, 2011.

FERREIRA, N. (org.) **A gestão da Educação na sociedade mundializada**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

GUEDES, S.M.G. **Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários.** Estudos de Psicologia, Natal, p. 299-309, jul-dez. 2002.

HORA, D. **Educação e gestão educacional na sociedade brasileira contemporânea: algumas reflexões,** 2003.

LIMA, A. (org). **Estado, políticas educacionais e gestão compartilhada.** São Paulo: GPGE, 2004.

MAYO, A. **O valor humano da empresa: valorização das pessoas como ativos.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.

RABAGLIO, Maria O. **Seleção por Competências.** Educator. São Paulo. 2001.

ROBBINS, S. P. **Comportamento organizacional.** 8. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2009.